

PERSPETIVA

Fotografia. Arte. Natureza.

A ÁRVORE DAS FOTOGRAFIAS (PARTE 2)

Luís Afonso

ENSAIO

Ricardo Rocio

ENTREVISTA

Maria Pinto

4 POR 3

José Luís Proença

Júlio Marques

Nélia Mano

ÂNGELO JESUS

LUÍS AFONSO

MÁRIO CUNHA

MIGUEL SERRA

NUNO LUÍS

RICARDO SALVO

RÚBEN NEVES

TIAGO MATEUS

Mar/Abr 2024

Número #014

Editorial.



A primavera está quase a chegar, embora o inverno esteja com vontade de ficar por cá mais uns tempos. Os últimos dias têm sido de sonho para os que, como o Miguel Serra, vivem no sopé das montanhas. Fotografias incríveis têm sido realizadas nessas paragens, como poderão ver no seu artigo deste mês. Para os restantes que têm de lidar com a chuva e o vento, não há que lamentar. Há sim que ter a coragem de sair de casa para conseguir fotografias igualmente únicas.

Neste passado fim de semana fui para o campo ver como estão as flores. Existem orquídeas silvestres que já estão a terminar a sua floração em Aire e Candeeiros, ao passo que outras estão agora a chegar. Até ao início do verão, muitas serão as oportunidades de fotografarmos estes seres maravilhosos, pois os campos vão encher-se de flores das mais variadas formas, cores e odores.

A primavera é a estação do ano onde a cor explode por todo o lado. É, sem dúvida, o tempo mais criativo, ainda mais que o outono, pois a paleta de cores é mais variada e intensa. Para os que não gostam de flora e de florestas (será que isso é possível...?), a primavera é também tempo de mudanças bruscas de clima. “Manhã inverno, de tarde verão”, como diz o povo.

É a altura perfeita para tirar uma semana de férias e rumar a um dos diversos parques naturais que este país tem para oferecer, para retratar a sua paisagem e a sua biodiversidade. O planeta volta a estar num frenesim durante a primavera e ao fotógrafo de natureza cabe-lhe sair de casa e aproveitar todo esse jogo da vida que se desenrola à sua frente.

Se precisam de inspiração, o Rúben Neves dá a conhecer alguns dos fotógrafos mais influentes dos nossos dias na sua escolha de livro para esta edição “*Masters of Landscape Photography*”. Nele podem conhecer não apenas os nomes, mas também a sua obra e muito do que pensam.

Queria por fim assinalar o regresso da rubrica 4:3. É bom ver o vosso sentido de partilha a materializar-se. Espero que mais sigam o exemplo dos três bravos desta edição.

A todos vós, o desejo de boa primavera, boas leituras e muita fotografia.

Luís Afonso

Esta revista é editada por
Luís Afonso.

A reprodução total ou parcial, em qualquer meio, é estritamente proibida.

Os direitos de autor do conteúdo aqui apresentado permanecem com os seus proprietários, sendo o mesmo publicado com a necessária permissão.

Colaboraram nesta edição:
Ângelo Jesus, Jorge Macedo, José Proença, Júlio Marques, Luís Afonso, Maria Pinto, Mário Cunha, Miguel Serra, Nélia Mano, Nuno Luís, Ricardo Rocio, Ricardo Salvo, Rúben Neves e Tiago Mateus.

Revisão:
Ricardo Salvo e Rúben Neves

Fotografia de capa:
Ricardo Rocio

www.revistaperspetiva.pt

© 2024



© **Jorge Macedo**, 2023. O Ser Humano tem uma percepção espacial eminentemente tridimensional. Mas, na verdade, é restringido por uma dimensão a menos: o olho apenas vê o mundo como uma projeção em duas dimensões na superfície da retina. Poderíamos dizer que a fotografia “sofre” do mesmo mal, mas não há dúvida que em imagens como esta, o sentido de tridimensionalidade é forte e está bem presente!

Índice.

01

p. 5-29

ENTREVISTA
Maria Pinto

Em entrevista, a fotógrafa Maria Pinto fala-nos do seu permanente diálogo com a natureza para atingir um conceito artístico e criativo muito próprio e que lhe tem vindo a dar “forma aos sonhos”. Paisagem, vida selvagem e flora definem o seu mundo enquanto artista.

02

p. 30-32

PONTO DE VISTA *por Ângelo Jesus*
Generalista ou especialista

No “Ponto de Vista”, Ângelo Jesus traz-nos uma reflexão sobre a sua especialização na fotografia de bosque e coloca sobre a mesa a interrogação sobre o facto de fotografar maioritariamente árvores. A resposta estará na sua expressão pessoal em relação ao que o apaixonava.

03

p. 33-37

CONVERGÊNCIAS *por Nuno Luís*
Queres ser o sensor de uma máquina fotográfica?

E se o sensor da câmara fotográfica interagisse com o fotógrafo, contribuindo para a decisão artística? O Nuno Luís imagina um mundo em que a personalidade de uma máquina fotográfica consubstancia o resultado de uma fotografia artística.

04

p. 38-43

GRANDE ANGULAR *por Ricardo Salvo*
Um pintor e um fotógrafo entram num bar...

Ricardo Salvo propõe-se um exercício de resposta sobre o que leva um artista a optar pela fotografia ou pela pintura quando se quer expressar visualmente. Neste número traz-nos uma reflexão sobre a primazia da luz física ou do traço do pintor na reprodução do que existe na natureza.

05

p. 44-57

ENSAIO
Ricardo Rocio

Ricardo Rocio traz-nos um Ensaio sobre o Rio Homem e sobre a forma como a interação do seu leito com a natureza que o rodeia fez nascer um propósito para um novo projeto fotográfico. Uma entrega do fotógrafo ao ressurgimento de novos caminhos para a sua fotografia.

06

p. 58-60

POR DETRÁS DA IMAGEM *por Mário Cunha*
Frozen

Mário Cunha leva-nos numa viagem a Pitões das Júnias, no Gerês, para nos levantar o véu sobre as suas motivações para a fotografia que nos apresenta nesta edição na rubrica “Por Detrás da Imagem”.

07

p. 61-72

COVÃO DA AMETADE: AS QUATRO
ESTAÇÕES *por Miguel Serra*
Inverno a três tempos

Neve, nevoeiro e gelo. Um inverno a três tempos pela mão do fotógrafo Miguel Serra, que nos traz mais um capítulo do projeto que se propôs de fotografar o Covão da Ametade, no coração da Serra da Estrela, nas suas mais variadas feições ao longo do ano.

08

p. 73-82

SAÍDA DE CAMPO *por Tiago Mateus*
Oeste Selvagem

A Saída de Campo desta edição é-nos trazida pelo fotógrafo Tiago Mateus. Finda a sua “Viagem Monocromática”, o Oeste Selvagem abriu-lhe novas visões que nos são trazidas a estas páginas em fotografia e em vídeo num futuro próximo.

09

p. 83-87

TÉCNICA
A árvore das fotografias (Parte II)

Depois de nos falar da forma como arquivamos as nossas imagens, Luís Afonso traz-nos a segunda parte do artigo técnico sobre a gestão do catálogo em Adobe Lightroom® e sobre o processo de ter as fotografias organizadas e de fácil acesso para utilização futura.

10

p. 88-89

DA MINHA ESTANTE *por Rúben Neves*
“Masters of Landscape Photography”, Ross
Hoddinott

A inspiração que advém de “Masters of Landscape Photography”, o livro escolhido para esta edição pelo Rúben Neves, é mais do que um folhear de páginas para ver fotografias bonitas de locais mais ou menos distantes. As legendas que cada autor associa a cada imagem e as respostas que dão às entrevistas servem de verdadeira comunhão de espaços e de espírito artístico numa coleção única sobre paisagem.

11

p. 90-105

4 POR 3
José, Júlio & Nélia

A secção 4:3 regressa nesta edição com o contributo de três fotógrafos dedicados à fotografia de natureza e paisagem. José Proença, Júlio Marques e Nélia Mano transportam-nos a três formas distintas de ver o mundo através da objetiva de uma câmara fotográfica.

12

p. 106

AGENDA
Workshops, Passeios, Exposições, Festivais

Tome nota dos eventos que vão ter lugar nos próximos dois meses e onde poderá participar, aprender, fotografar e dar largas à sua criatividade.

Maria Pinto.

Entrevista.

Maria Pinto.

A natureza faz parte da sua vida desde sempre, assim como o seu espírito curioso e criativo. Estar na natureza é uma benção e é esse sentimento de amor desmedido que faz questão de impregnar nas suas fotografias. Vida selvagem, flora, paisagem, tudo retrata e assume não ter um sujeito de eleição. É na relação entre a sua visão e cada um destes sujeitos que nasce a sua fotografia, como um diálogo sem fim com o mundo natural.

Entrevista por **Luís Afonso**. Fotografias de **Maria Pinto**.

Queres começar por nos contar um pouco do teu passado? Como foi a infância e adolescência da Maria?

A minha infância foi passada na região de Aveiro, em especial Estarreja, Alquerubim e Baixo Vouga. Naquela altura, era ainda uma zona muito rural, sendo que, em resumo, foi uma infância livre e em contato com a natureza. Lembro-me de sair muitas vezes, sem avisar (não por mal, mas por inocência), para um local no rio Antuã, a Turbina. Desfrutava de tudo em plena liberdade. Claro, a chegada a casa não era amistosa, mas foram valores que ficaram e me educaram.

Parte da infância/adolescência foi vivida com um primo da minha idade e as brincadeiras de

um, eram as de outro. Tive sempre muita proximidade com a natureza. Tinha uma fisga, entre outros artefatos da época. As aventuras eram muitas e uma das minhas preferidas era trepar às árvores e ver o que se passava nos ninhos. A descoberta das pequenas criaturas era um verdadeiro encantamento. Descobrir os ralos (gri-los-toupeira), as salamandras de pintas amarelas, as toupeiras, às quais tentávamos cortar caminho enfiando as pequenas mãos na terra, enquanto lavravam a terra, para as ver lindas como veludo preto, apanhar os girinos nas ribeiras. Tudo existia em abundância e era o meu parque infantil onde a "magia era real".

Indícios de que iria optar pela veia artística não sei se havia mas, sem dúvida, um espírito livre e criativo estava a formar-se. Sempre tive uma

imaginação muito fértil e como sonhar não ocupa espaço, nunca perdi essa "característica".

Em resumo, a minha infância foi de liberdade, próxima da natureza, juntando uma pitada de rebeldia. Provavelmente, muito do que sou, daí advém.

Essa tua criatividade lembra aquelas crianças inquietas que estão sempre à procura de saber o que se esconde para lá daquela rocha...

Sim, foi isso mesmo, algo trabalhoso para os meus pais. Nos dias de hoje provavelmente teria sido diagnosticada como uma criança hiperativa mental e física. Nunca sei onde esta criatividade me leva, apenas sei o que me dá:

satisfação, descoberta, atividade e participação qb na vida que me rodeia.

Como chegou a fotografia à tua vida?

A fotografia chegou à minha vida já em adulta. Não me lembro como comecei a gostar de fotografia, mas comprava revistas, nomeadamente a “Photo” e a “Volta ao Mundo”, que tinha desde a nº1. A minha vida tem estado bastante preenchida com viagens a que gosto de chamar aventuras. Isso aumentou muito o gosto pela fotografia. As últimas grandes aventuras, usando a minha Volkswagen T4, foram à Eslovénia em 2017 (onde tive o privilégio de fotografar/observar o urso-pardo) e aos Picos da Europa em 2020. Sou fã absoluta deste tipo de viagens de descoberta, próximas de uma vida simples, mas muitíssimo enriquecedoras. Como estas, muitas foram as viagens, mas mais ainda as descobertas e a proximidade com a natureza: muitos parques naturais e locais recônditos, pelo caminho. Também as grandes urbes, naturalmente, quando se trata de conhecer. Nesses anos já distantes, 30 e muitos, foi-me oferecida uma Canon EOS3000V, com a qual registava avidamente toda a beleza que me enchia a alma. No final das aventuras era uma despesa louca com tantos rolos para revelar... Os temas eram variados, mas predominantemente natureza. Há uns 10 anos comecei a publicar, timidamente, fotografia digital. Com a fotografia digital passei para a Nikon.

Sempre te conheci como uma fotógrafa de elevada sensibilidade, mais adepta de retratar a natureza na sua intimidade. Sempre foi assim ou começaste por fotografar a natureza de outra forma?

Terei começado de outra forma, mas sempre muito em ligação ao que sou, ou seja, ao meu olhar, ao meu sentir. Adoro criar e intuir a natureza como Arte, das mais variadas formas. É assim como uma ligação única, uma espécie de diálogo, em que só estás tu com outro ser. A natureza é vida!

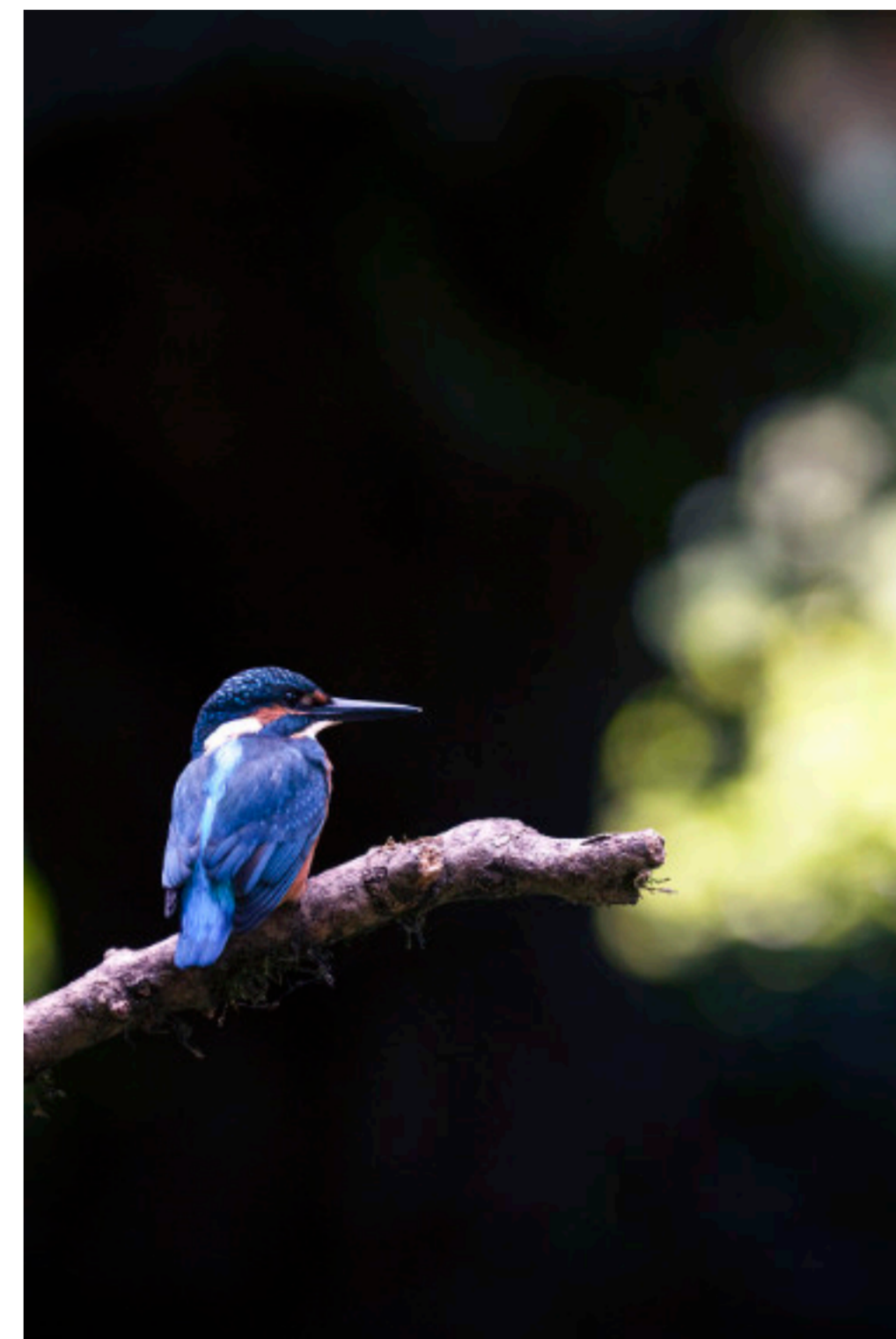
Tens algum sujeito favorito ou tudo na natureza te inspira a fotografar?

Na verdade eu vejo beleza e elevação em quase tudo o que é natureza! Não consigo explicar aqui a grandeza que sinto, o privilégio que tenho no que concerne à natureza. Por vezes e perante certos cenários naturais agradeço intimamente por tanto. Não consigo definir um sujeito favorito. Tenho paixão pelo bailado das folhas, principalmente no Outono, mas é redutor. Existem outros motivos igualmente mágicos. Talvez uma ambiência com determinada luz, seja fauna, paisagem ou íntima. Não é um sujeito fotográfico, mas é uma roupagem que pode tornar qualquer sujeito em algo absolutamente mágico. Como tema, talvez o que mais gosto seja mesmo fotografia criativa, conseguir uma ligação íntima e criar.

Paisagem, flora e vida selvagem, que desafios te levanta cada um na hora de os retratares?

Os desafios são diferentes, mas a paixão e a entrega são idênticas. Tenho a capacidade de me deslumbrar com cada um desses temas sempre que vou para o campo e gosto muito disso.

Quando fotografo vida selvagem, em liberdade e em movimento (que pode ser em viatura ou a pé), há que proceder a uma série de trâmites,



Raio Azul. Guarda-rios (*Alcedo atthis*).
Pateira de Fermentelos, Águeda, 07.2023

Pág. seguinte:
Espelhos mágicos. Serra da Estrela, 11.2021

nomeadamente de vestuário, odores, há que conhecer os hábitos dos animais e também ter a necessária precaução quando se trata de animais de grande porte, como ursos ou veados. O desafio é sempre conseguir uma imagem satisfatória, dentro do meu critério. Como trabalho em modo manual, por vezes os parâmetros não estão adequados à luz no momento em que aparece o animal. Este tipo de fotografia exige rapidez de resposta e conjugação de uma série de fatores como composição, enquadramento, além de ter de se equilibrar uma objetiva pesa-

da, sem tremer. Tudo isto é um desafio nada pequeno, sendo que a observação da fauna é um enorme estímulo e momento de muita adrenalina.

Paisagem aberta é igualmente um grande desafio, pois ambiciona-se conseguir uma imagem única que não pareça banal. Quantas vezes fico encantada com a paisagem e não consigo fazer a "minha" fotografia. A paisagem aberta depende muito da ambiência climatérica do local e sempre da luz. Gosto das neblinas já que em-

prestam uma certa magia e permitem dar azo à imaginação. Na paisagem íntima, o desafio é conseguir aquilo que imagino no meu diálogo com o sujeito, passar a informação que tenho e fazer a ligação com quem lê a minha fotografia. Embora, este aspecto seja inerente a todos os temas, mas talvez aqui se destaque mais, a meu ver.

Criativa/macro é uma fotografia exigente e chega a mesmo a ser exigente fisicamente. Muitas vezes tenho de suspender a respiração em dado momento já que tento ser precisa para focar ou desfocar, e conjugar o meu conceito com o sujeito a fotografar. Procuo sempre que me é possível uma certa imersão. Naturalmente que quando tenho uma determinada luz o resultado final é sempre melhor. Já todos sabemos que fotografia é luz!

Como nasce uma fotografia tua? És daquelas que sai de casa com uma fotografia em mente ou preferes ir para o terreno deambular e ir fotografando ao sabor da tua vontade?

A minha fotografia nasce de forma natural, mas pode igualmente nascer do que tenho em mente. Estudo muita fotografia, vejo, analiso e quero perceber como foi realizada. Quando estou no campo (o que são muitas vezes...) tenho, principalmente no que concerne a fotografia criativa, ideias em mente que podem influenciar o meu trabalho. No entanto, a minha fotografia provém sempre do que sinto quando vejo. Da emoção do momento. É, para mim, completamente intuitivo. É um dos motivos pelo qual não consigo ficar só por um tema e/ou estilo, mas sim, sempre ao sabor da minha vontade.



Não sentes a necessidade de fazeres projetos com mais estrutura, ou seja, de dar alguma ordem a essa intuição e construíres um corpo de trabalho com sentido?

O que faço tem sentido na minha alma, mas compreendo a tua pergunta. Sendo 100% sincera (como habitual) sempre senti um pouco essa lacuna, mas a vida tem condicionantes e é preciso tomar decisões, então vou colmatando umas coisas em prol de outras. Sou persistente naquilo que me interessa, mas não persigo o sucesso só por si e sei bem o meu lugar no Universo. Além de que certas opções podem implicar demasiadas regras. Já são muitas as que temos na vida em sociedade... Viver "solta" tem as suas vantagens e um valor superlativo. Não gosto de *stresses*, desfruto do que gosto de fazer, como gosto, sem dar explicações e/ou estar sujeita a pressão. É assim que prefiro fazer a minha fotografia.

Já fizeste algumas exposições. Que sentes ao preparar cada uma delas? Que conselhos darias a quem está a pensar fazer a sua primeira exposição?

Sim, já realizei algumas exposições. O que sinto ao preparar uma exposição é sobretudo grande responsabilidade. Não defraudar o público e o desejo de que ao verem as fotografias de natureza/vida selvagem (porque também apresentei outros temas) possam adquirir maior sensibilidade pela beleza do que vêm e, por essa influência, formar uma melhor consciência quanto à preservação do planeta.

O conselho que daria a quem está a pensar na sua primeira exposição é que sejam exigentes no que apresentam e tenham sempre em vista a

sensibilização do público. Enquanto fotógrafos de natureza temos deveres e um deles é o da sensibilização para a majestade que é a natureza e sem a qual não vivemos.

O retorno tem sido bom, satisfação e a sensação de que se alertaram algumas consciências.

E livros. Gostas de livros de fotografia?

Gosto muito de bons livros de fotografia. Tenho alguns que consulto regularmente. Aprendo sempre que os consulto.

E como correu a publicação do teu livro “A Forma dos Sonhos”?

“A Forma dos Sonhos” foi isso mesmo, dar forma aos sonhos. Correu tudo muito bem. Foi ousado, dado o tema, e sinto que arrisquei um pouco. Mas ou se faz o que se gosta ou é melhor não fazer nada. Sou bastante previdente e muito exigente, dentro do que me é possível. Era um livro que queria fazer, poderemos dizer que é o tema que mais me diz. Não terá sido o que exatamente queria, em termos de produção (dimensões, suporte, etc.), mas não fiquei defraudada, antes pelo contrário. O livro esgotou rapidamente e o retorno foi extraordinário.

O próximo já está na calha?

Na verdade sim, há outro projecto em mente, mas não poderei divulgar ainda, uma vez que envolve outra pessoa.

Que fotógrafos estás a gostar de forma especial neste momento?

Esta é a pergunta à qual não quero responder

uma vez que a resposta será sempre injusta. Vejo e leio muita fotografia e gosto de alguns trabalhos de variados fotógrafos. Vou deixar alguns nomes que de momento me surgem: Bastien Riu, Joël Brunet, Daniel Mírlea, Ricardo Lourenço, Fabrice Bertholino, Nuno Luís, Nuno Cabrita, Sandra Bartocha, Andrea Gulickx, Veselin Atanasov e Thomasguillasson.

Qual a tua objetiva preferida e porquê?

A pergunta é pertinente, mas a minha preferência de objetiva tem a ver com o tema e com o que pretendo captar. Para vida selvagem, 150-600mm; criativa 105mm ou 50mm, mas também pode ser outra, até a 150-600mm; paisagem, o mesmo, no geral a 18-300mm, mas também a 150-600mm. A que talvez uso menos é a grande angular 10-24mm. Gosto de uma boa abertura para poder jogar com a luz e fazer várias experimentações, já que trabalho sempre em manual.

Tenho igualmente preferência por máquinas. Prefiro a minha velhinha Nikon D90, para paisagem/macro/criativa e a Nikon D7500 para vida selvagem. O motivo é porque adoro as cores da D90 e a suavidade da imagem obtida. Já para fauna, a D7500 oferece muito contraste e nitidez/detalhe.

As técnicas com que as utilizo também são variadas. Gosto muito de duplas exposições e uso muito o equilíbrio de brancos customizado na câmara. Fotografar é emoção, logo tenho que estar no local, ver e experienciar o momento.

Como encaras o pós-processamento? Tentas ser fiel ao que viste ou àquilo que sentes?

Considero ser importante. Não publico nada sem pós-processamento, por básico que seja. Tento ser fiel ao que vi no momento, mas por vezes posso alterar o equilíbrio de brancos, segundo a minha visão estética e sentimento em relação à arte fotográfica. As máquinas não conseguem captar o que vejo e sinto, mas geralmente sei quando fiz algo que se aproxima do momento.

No meu fluxo de trabalho utilizo o Adobe Photoshop®. Em vida selvagem realizo ajustes básicos, como corte da imagem, ajuste da exposição, contraste, nitidez. Nos outros estilos depende absolutamente da imagem a tratar e do que pretendo mostrar. Posso alterar a temperatura de cor se achar que corresponde melhor ao que imaginei e ao meu sentido estético. Ajustes de exposição, luminosidade, contraste, raras vezes vinhetagem, retirar ruído. Muito raramente, posso adicionar algum filtro da Nik Collection®.

Que achas que um fotógrafo de natureza nunca deve fazer? E o que deve fazer sempre?

Um fotógrafo de natureza nunca deve alterar a dinâmica dos lugares e prejudicar, perturbar/pressionar a vida selvagem, deixar vestígios. Um fotógrafo de natureza deve tentar acrescentar valor ao que adquire tão graciosamente, quer seja na paisagem, quer seja na vida que nela se encontra. Deve mostrar para sensibilizar, alertar consciências para esse valor maior que é a natureza.

Que equipamento levas contigo sempre para o campo?

No geral, levo quase tudo. Uma mochila com várias objetivas: 105mm; 18-300mm; 10-24mm; 50mm e por vezes a 150-600mm. Levo a Nikon D90 e Nikon 7500, tripé, comando e monopé. Se vou andar muito a pé, aí tenho de definir melhor o que vou carregar, para reduzir o peso, e tomo essa decisão com base no que pretendo fotografar.

Ainda assim, já alguma vez deixaste de fazer uma fotografia por não teres o equipamento certo contigo?

Algumas vezes sim. Ainda hoje sai sem a 150-600mm e ao passar pelos campos da Murtoza deparei-me com três cegonhas e um grou no meio de um campo de malmequeres já em flor. Nunca por aqui vi nenhum grou, uma raridade.

Que sítios de Portugal mais gostas de fotografar?

Vou muito à Serra da Estrela. A variedade de temas, o ambiente dinâmico, as condições climáticas, são muitíssimo atrativas, uma surpresa a cada minuto. Conheço muitos locais, pequenos mas encantadores, secretos, não sei se são, e muitos nem sei os nomes. Para mim, o segredo é aquele momento em que percecionas algo, em qualquer local, que só o teu olhar, o teu íntimo vê e queres trazer contigo para que não se perca a magia daquele momento.

As tuas imagens revelam mais sobre ti do que sobre os lugares. Sentes isso?

Sim, acho que revelam bastante sobre mim. Não posso fotografar de outra forma. É um exercício difícil fazer algo que não seja deixar

Estalactites de ouro. Serra do Marão, 01.2023



passar de mim para a imagem. No entanto, como faço vários temas, alguns serão mais identificativos de lugares, mas não deixam de ter o meu "olhar". É natural em mim, fotografar como sinto.

O que representa para ti uma boa fotografia?

Uma boa fotografia é aquela que me faz sentir. Que não me diz tudo apenas porque é tecnicamente perfeita. Gosto de uma fotografia que me transporte, me dê emoção e me deixe percorrê-la, descobri-la, me permita o encantamento da imaginação. Gosto de ter espaço na fotografia para poder viajar, e quiçá voar quando leio a fotografia. Tem que haver técnica, sim, mas valorizo muito a sua essência.

Quando tens consciência que levas uma boa imagem para casa?

Nem sempre é fácil. Como sempre digo, "na máquina são todas boas...". No entanto, tenho bastante percepção de quando faço uma boa fotografia. Avalio a imagem no visor e leio várias informações, como composição, enquadramento, elementos, mas muito particularmente a luz e a ambiência, no geral. É suficiente para avaliar, o que não significa que seja sempre verdadeiro, mas regra geral é.

Finalmente, quando não estás a fotografar, o que gostas de fazer?

Quando não estou a fotografar, gosto de fazer muitas coisas: ler, ver e estudar fotografia, editar, passear e uma série de outros afazeres. Mas essencialmente o que gosto é de viver!

*Feitiço das sombras. Veado-vermelho (Cervus elaphus).
Serra da Lousã, 10.2016*



Maria Pinto.

Portefólio.



Matizes de luz. Mata da Albergaria, PNPG, 10.2023



O Bailado das folhas. Covão d'Ametade, Manteigas, Serra da Estrela, 12.2023



Manhãs de geada. Avanca, Estarreja, 12.2023



Diálogos íntimos. Manteigas, Serra da Estrela, 11.2023



Quando o dia acorda e nos enche de luz! Avanca, Estarreja, 12.2023

Pág. seguinte:
Manhãs frias de luz. Avanca, Estarreja, 12.2023

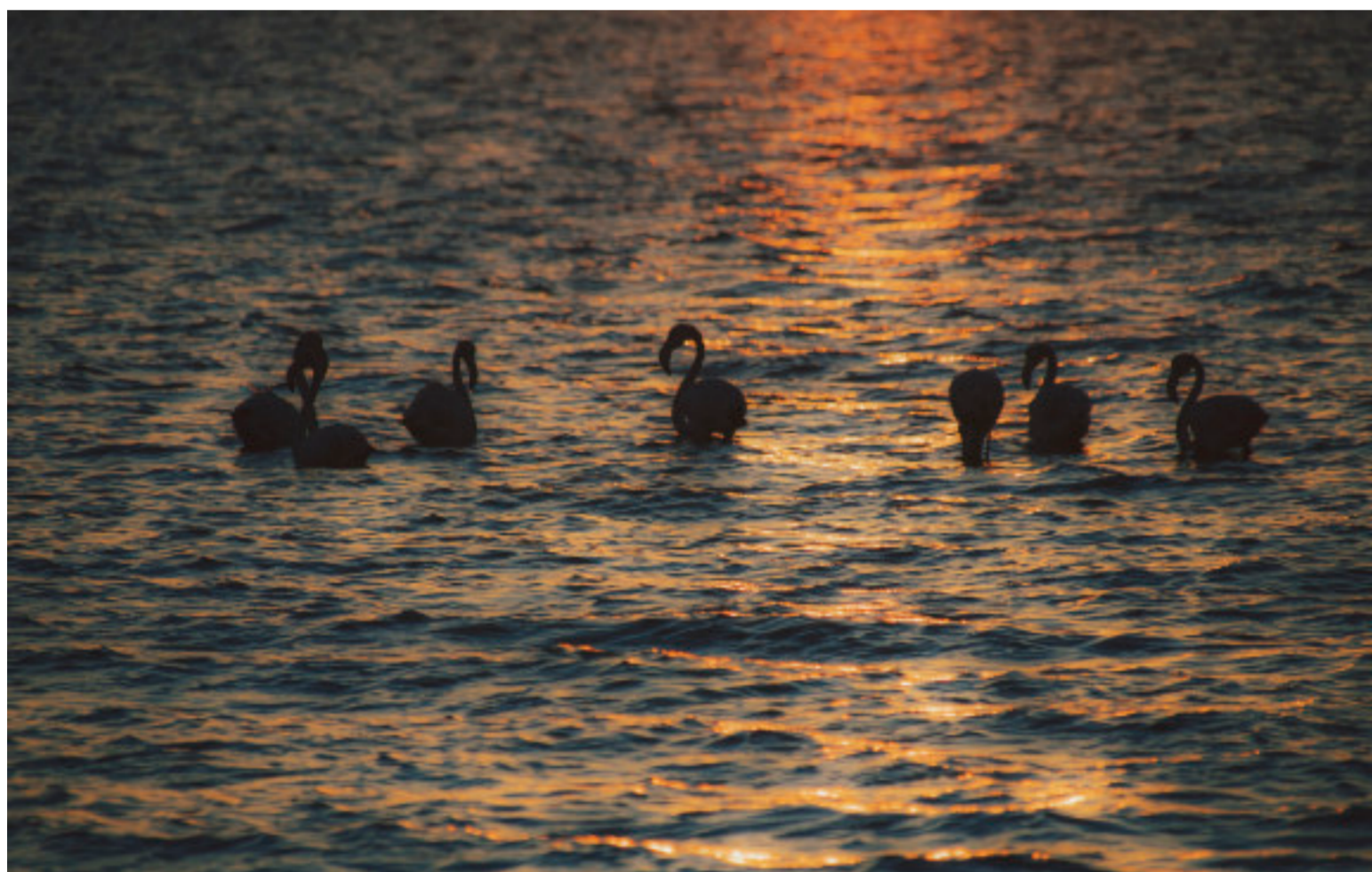




Depois da chuva, os seus reflexos
Vale do Rossim, Serra da Estrela, 01.2024



O bosque mágico de Otzarreta. Euskadi, Espanha, 09.2019



Acordes de final de dia. Flamingos (*Phoenicopterus roseus*).
Ria de Aveiro, Torreira, 10.2022



A luz da Ria de Aveiro. Murtosa, 10.2020

Pág. seguinte:
Emoções. Veado-vermelho (*Cervus elaphus*).
Serra da Lousã, 11.2016





Nas florestas da Eslovénia. Urso-pardo (Ursus arctos). Eslovénia, 07.2017



A raposa que sorri... Raposa-vermelha (*Vulpes vulpes*).
Parque Natural Sierra de Cazorla Segura y las Villas,
Espanha, 05.2016

Pág. seguinte:
Amanhecer com a natureza. Veado-vermelho (*Cervus elaphus*).
Serra da Lousã, 07.2017





História por detrás da imagem: *Parque Nacional da Peneda Gerês.*

Numa das muitas saídas fotográficas em pleno Outono, novembro de 2022, rumei ao PNPG (Parque Natural Peneda Gerês), à Mata da Albergaria. Dia chuvoso, de aberturas, mas sempre fascinante para fotografia, ou mesmo desafiante, dado que por vezes a luz não abunda em determinados locais. Na Portela de Leonte reparei nos imensos reflexos que contrastavam com folhagem húmida e amarelecida e resolvi tentar uma composição que unisse pelo contraste os assuntos e cores da natureza. Aproveitei um momento de luz e executei. Assim como juntar os efémeros reflexos com a magia das pepitas douradas, para um resultado, quiçá, mítico. Tive que elevar o ISO a 800, mantive o f/5 e o tempo de exposição a 1/160s.



História por detrás da imagem: *Parque Nacional da Peneda Gerês.*

Outono de 2022, Mata da Albergaria, a mítica estação do ano em que tudo é ouro e cor. O PNPG é virtuoso e oferece um vasto leque de opções a quem possa e saiba usufruir. Gosto de deambular pelos bosques e tentar descobrir e ao mesmo tempo apreciar, absorver tanto que nos oferecem estes locais naturais. É quando ando mais sozinha que mais gosto de experienciar várias situações e uma delas é a de fazer fotografia criativa. Neste caso, já com pouca luz, próximo das 17h, resolvi dialogar com as folhas outonais que sob a água corrente pareciam ter sido colocadas para embelezar o ambiente. Com várias tentativas de baixa velocidade, neste caso 1/10s, fui tentando várias abordagens e uma delas é esta. Fechei a abertura a f/11 para conjugar a luz com o arrasto pretendido.



História por detrás da imagem: *Parque Natural de las Sierras de Cazorla, Segura y Las Villas - Espanha.*

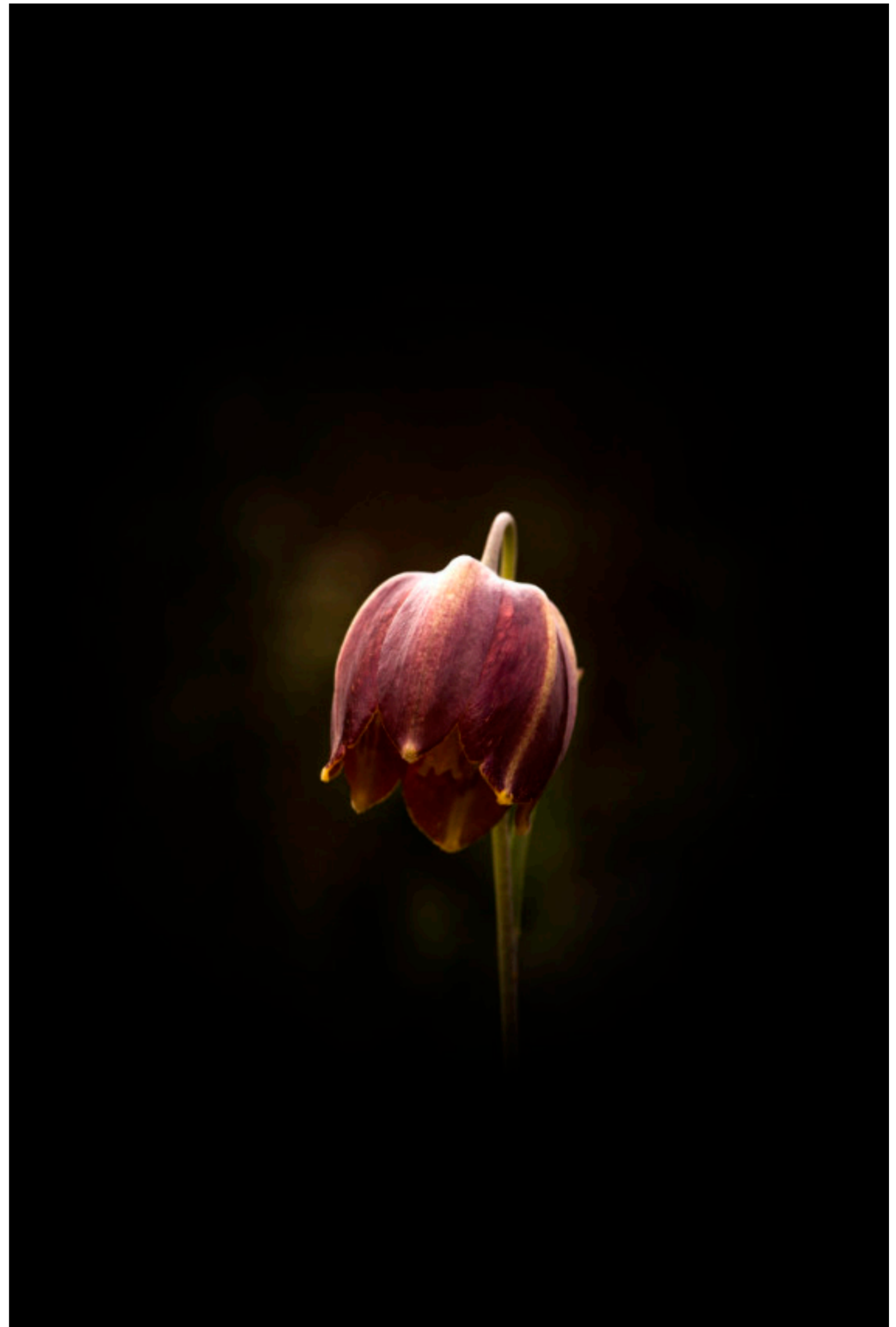
Esta é uma história feliz e talvez das mais bonitas que tenho enquanto fotógrafa de natureza e vida selvagem. Direi mesmo que é uma história de amor. Num belo e ensolarado dia de Fevereiro, numa das muitas aventuras que fui fazendo ao longo da vida, desta feita na VW T4, percorria o Parque Natural de las Sierras de Cazorla, com o objetivo de o conhecer, mas também chegar à nascente do Rio Guadalquivir. Aí pela hora de almoço, cerca das 13h, em estrada de montanha de terra batida ladeada, do lado esquerdo, pelo rio de fabulosos trechos de águas límpidas e esmeralda e, do lado direito, pela floresta de flora variada e mato, o meu coração saltou. Corria o ano de 2016 e realizei um dos meus sonhos, fotografar bem este animal em liberdade pelo qual, como é sabido, tenho enorme apreço. Gosto de todos os animais, mas a Raposa-vermelha (*Vulpes Vulpes*) é a minha preferida, por várias razões. Assim de repente, olhei para o lado da montanha, e ali estava ela fixa a olhar. Só tive tempo de disparar e fazer este único registo (f/7.1, 1/200s). Deixou-me fotografar e virando as costas foi à sua vida. Tive posteriormente oportunidade de tirar outras fotografias da Raposa-vermelha, mas neste momento esta foi única e talvez das melhores, senão a melhor. Esta fotografia foi publicada na edição portuguesa da revista National Geographic em fevereiro de 2017.



Das noites de magia em que a infância regressa... Ovar, 06.2023



O encantamento das orquídeas selvagens. Serras d'Aire e Candeeiros, 04.2023



Fritillaria lusitanica. Serras d'Aire e Candeeiros, 04.2023

Generalista ou especialista.

“Somos aquilo que fazemos repetidamente. A excelência, então, não é um ato, mas um hábito.” ~ Will Durant

Texto e fotografias por **Ângelo Jesus**.

Já por diversas vezes me perguntaram se tenciono continuar a fotografar maioritariamente árvores ao longo dos próximos anos. Em primeiro lugar, queria salientar que embora sejam estes os meus sujeitos favoritos, prefiro considerar-me alguém que se exprime através da fotografia, no mesmo ambiente onde os mesmos estão presentes. Em segundo, não sei que caminhos irei percorrer no futuro, sabendo porém que de momento é este que devo seguir. No passado, experimentei quase todos os géneros de fotografia, algumas vezes por modas ou pela vontade ingénua de me destacar em algum deles. Como é evidente, estava à procura de um caminho pelas razões erradas, embora reconheça ter aprendido bastante com todas essas experiências cuja motivação se diluía ao fim de algum tempo. Porém, o facto de posteriormente ter começado a concentrar a minha energia em algo

mais específico aconteceu de forma natural, gradual e até inesperada.

Passados alguns anos de dedicação a este género, ou subgénero da fotografia de paisagem que hoje persigo, chego à conclusão de que foi ele que me escolheu em vez do contrário. Cada vez se torna mais cristalina a ideia de que a exploração criativa nestes lugares mágicos vai ao encontro daquilo que sou e das experiências que vivi, despertando em mim memórias de infância. Reativou a imaginação fértil que sempre tive, assim como a curiosidade e o prazer de brincar como nos tempos de infância. Ou então, numa época mais recente em que o constante impulso para organizar tudo aquilo que me parece estar desarrumado, se extrapola para uma floresta que tento também arrumar com a câmara fotográfica. Ou em projetar nas árvores e nas rela-

ções imaginárias que nelas vejo histórias boas e más por mim já vividas.

De qualquer forma, a fotografia de bosque ou *Woodland*, como se diz em inglês, também não é um género estanque, pois, na minha opinião, vai muito para além dos sujeitos de tronco, ramos e folhas que tanto admiramos. As possibilidades de descoberta são infindáveis. Por lá se encontram os mais diversos elementos como a água, a geologia, a restante flora, fauna, e isto sem sequer entrar no mundo macro. Existem conceitos como a estética, a imperfeição, a decadência, o caos, o sublime, mas também a forma como sentimos, seja expressando alegria, calma ou até inquietação. A maneira como vemos o lugar e nos ligamos a ele é também quase sempre distinta, dependendo do ambiente, meteorologia, estação do ano e até do nosso

estado de espírito no momento. Estou certo que uma vida não será suficiente para explorar estes universos na terra.

Ser especialista não significa que se faça apenas e sempre a mesma coisa, mas sim que exista um foco essencial naquilo que se faz, a par de uma certa obsessão para o fazer cada vez melhor.

Podia ter diversificado o meu portefólio com muitas outras coisas, mas em vez disso prefiro aperfeiçoá-lo com aquilo que mais me inspira e emociona no momento presente.

Assim sendo, considero-me oficialmente um especialista pelo facto de que cerca de 90% daquilo que fotografo gravita à volta da mesma temática.

Podemos encontrar esta dedicação obsessiva a especialidades, habilidades ou nichos em praticamente todas as áreas que possamos imaginar, seja no desporto, na medicina, na tecnologia ou na culinária, mas também em diferentes formas de arte, como a música, o cinema, a dança ou a pintura. Então, porque não na fotografia?

Vem-me frequentemente à memória uma frase que ouvi apesar de desconhecer a sua origem: *“Pessoa de muitos ofícios, mestre de nenhum.”*

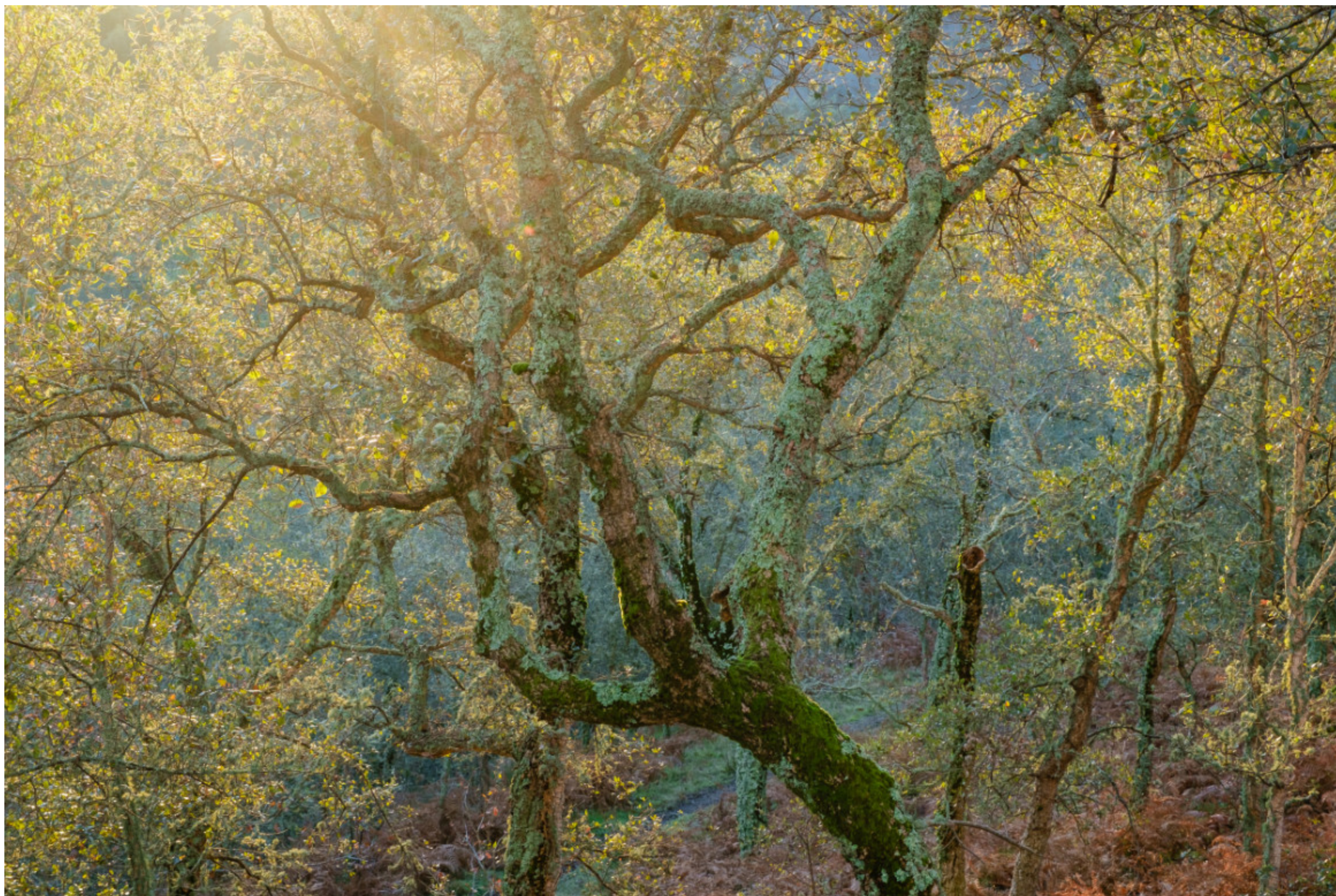
Não quero com isto afirmar que todos tenhamos de ambicionar ser mestres em alguma coisa e que a especialização é o caminho certo a seguir. Também não quero dizer que pelo facto de me considerar um pretenso “especialista”, passei a excepcional ou candidato a mestre. Para mim, o mais entusiasmante é fazer o caminho na tentativa para lá chegar, mesmo que a excelência por vezes se assemelhe à linha do horizonte, que

nunca se consegue atingir.

Porém, com a especialização sinto que consigo ter mais foco e que sou mais competente naquilo que faço. Que o planeamento se torna mais simples e eficaz. Que possivelmente consigo transmitir nas obras mais de mim próprio, mas também uma ligação mais forte e especial com os sujeitos que fotografo. Que promovo de forma mais apurada o desenvolvimento de certas sensibilidades. A especialização também me ajuda a encontrar objetivos e propósitos. Podemos dedicar uma vida, ou parte dela, a explorar e dar a conhecer a nossa visão acerca de algo que nos apaixona e, quem sabe, materializar esse corpo de trabalho em algo com mais significado para oferecer ao mundo.

Como em tudo na vida, também há desvantagens. Seja o receio de partilhar outras ideias que não estejam alinhadas com um determinado estilo, o risco de se cair na rotina, ou no caminho fácil de fazer sempre as mesmas coisas para não desagradar as audiências. À primeira vista, a especialização pode parecer uma condenação à repetição e estagnação, mas acredito que com o desejo de querer ser inovador e criativo, mais trabalho único e pessoal pode emergir mesmo que seja dentro de um determinado género ou subgénero.

Para finalizar, o que realmente importa é a expressão pessoal através daquilo que nos apaixona. Fotografar aquilo que nos dê vontade genuína de fotografar, sem julgamentos. Generalista, especialista, ou tudo o que está no meio, nenhuma das abordagens é a certa ou a errada. Apenas devemos encontrar aquela que é certa para nós e acima de tudo, segui-la pelas razões certas.



Amanhecer no Sobreiral. Santo Tirso, Janeiro 2024

Queres ser o sensor de uma máquina fotográfica?

“O progresso não é senão a realização das utopias.” ~ Oscar Wilde

Texto e fotografias por **Nuno Luís**.

Os primeiros dias de janeiro deste novo ano que agora se inicia têm sido particularmente chuvosos. As temperaturas continuam bastante baixas. Não há drama, ou não estivéssemos em pleno inverno. Apesar das alterações climatéricas que se têm verificado nos últimos anos, este continua rigoroso.

É domingo. A chuva cai abundantemente de um céu completamente coberto de um cinza monocórdico, tornando o dia ainda mais melancólico e triste. Enquanto a máquina do café aquece, observo a chuva que insistentemente cai. A minha atenção é direcionada para pequenas gotículas de água que escorrem pela janela. Fixamente, observo o seu movimento errático a par-

tir do momento que beijam o vidro e escorrem janela abaixo até encontrarem o seu destino no parapeito da janela.

Os planos para esse domingo estavam comprometidos. O mau tempo não prometia dar tréguas, contrariando as previsões do dia anterior. A saída fotográfica planeada para as praias da Costa da Caparica tinha de ser adiada.

Enquanto tomo café, penso em alternativas. A chuva, resiliente, cai ainda com mais força.

Lembrei-me de que há algum tempo que tenho em mente visitar alguns filmes. Sempre gostei de cinema e obviamente, por diversas razões,

há filmes que me marcaram, em diferentes momentos da vida. Parecia-me uma boa opção face às vicissitudes da meteorologia.

Dirijo-me ao sótão, local onde repousam religiosamente todos os meus DVD. O avanço tecnológico há muito que deixou de dar protagonismo a este formato. Estamos na era do streaming, porém, esta visita ao sótão não foi inocente. Apesar de não ir ver neste formato o(s) filme(s) desejado(s), a forma como estão organizados facilmente me permitiu chegar a uma espécie de “best of”.

“Donnie Darko”, “O inadaptado”, “A mansão de Fermat”, entre outros, ali estavam eles, mori-



Stormy days. Playa de Gueirúa, Astúrias, Espanha, 2022

bundos e envoltos numa suave camada de pó, reveladora da sua inutilidade em contraste com idos tempos.

Anoto alguns nomes. E é quando de repente me deparo com o filme que de imediato passou a encabeçar o topo da lista de prioridades a (re)ver neste bucólico domingo - “Queres Ser John Malkovich?”.

Não me lembrava deste filme, mas foi, à época, marcante, e ao vê-lo percebi que o queria rever o quanto antes. Que viagem é este filme. A fantasia, o sarcasmo e as mensagens subliminares sobre a sociedade onde vivemos e daquilo que o ser humano é capaz, são absolutamente fantásticas.

Comecei a divagar. Ocorreu-me de imediato como seria se pudesse entrar na mente de alguém, ver o mundo através dos seus olhos e poder sentir e experienciar todas as suas sensações, emoções e sentimentos. Fui um pouco mais longe. E se além deste irromper na privacidade alheia, eu o pudesse fazer sem que a outra pessoa o soubesse? Esta invasão seria ainda mais enriquecedora, pois o invadido, não sabendo, o seu comportamento não sofreria o desvio natural que existe quando o ser humano sabe que está a ser observado, e, por conseguinte, avaliado e até julgado pelas suas ações e atitudes.

Pensar numa situação destas, por muito que em várias ocasiões ao longo da minha vida o tenha desejado, causa desconforto. Do ponto de vista da psicanálise, Freud iria amar essa possibilidade. Fechando esta breve introdução e para aqueles que nunca viram o filme, recomendo vivamente que o façam.

Terminado o filme, sinto uma terrível necessidade de escrever. Pareceu-me óbvio que os planos idealizados para este domingo iriam ser de novo alterados. Não haveria espaço para ver mais filmes. Primeiro pela meteorologia, depois alimentado por esta vontade emergente de dar corpo sob a forma de escrita às minhas ideias. Os planos, mesmo os mais minuciosos, sofrem desvios. Assim me diz a minha experiência profissional.

A coluna **Convergências** na .Perspetiva traz-me a responsabilidade de antecipar ao máximo o assunto a aflorar na edição seguinte. Não tinha tempo a perder e sobretudo não queria esquecer as ideias que fervilhavam em mim.

O que vou escrever, pensei? Há alturas que fico na dúvida sobre o tema a levar à próxima edição da revista. Talvez ande a divagar em demasia, pensei, mas desta vez não hesitei.

Influenciado pela trama alucinante do filme, ocorreu-me a ideia de dar vida a um texto com o título, “Queres ser o sensor de uma máquina fotográfica?”.

Porque não escrever algo ficcional para a .Perspetiva? O caro leitor entende agora o motivo da vontade repentina em escrever? É um desafio escrever sobre algo que é meramente ficção.

Colocando para quem de direito as questões técnicas sobre o sensor de uma máquina fotográfica e o que acontece entre o momento de premir o botão disparador e o fecho do obturador, quero ficcionar sobre o lado sensorial e fantasiar sobre a possibilidade de um sensor ser muito mais que um registador de luz passada através de objetivas que transforma essa infor-

mação recebida em dados digitais.

Tudo teria de se iniciar no momento de aquisição do equipamento fotográfico. Para a minha intenção de ser o sensor de uma máquina fotográfica, forçosamente este tem de ter vida e opinião própria e poder de interferir no processo criativo do fotógrafo.

Vislumbro o sensor a ser vendido separado do resto do equipamento fotográfico. No momento de optar por um sensor, um teste entre fotógrafo e sensor deveria ser feito por forma a aferir a compatibilidade entre ambos. Tem de haver a garantia de que existe uma probabilidade elevada de afinidade. Usando a terminologia Tinder, um *match* entre ambos superior a 85% de compatibilidade teria de ocorrer.

Passado o teste da compatibilidade, fotógrafo e sensor teriam de ter a habilidade de desenvolver uma compreensão mútua das intenções um do outro. O fotógrafo necessitaria de entender as capacidades e limitações do sensor, enquanto este poderia aprender a interpretar os desejos e estilos do fotógrafo.

O relacionamento entre ambos poderia impulsionar a evolução da tecnologia fotográfica. A preocupação, para as marcas, deixaria de ser o “número megapixels” e passaria a ser a inteligência do sensor e a sua capacidade de adaptação ao fotógrafo, permitindo assim uma interação mais íntima com este.

Com esta relação a ter tudo para ser proveitosa, ainda que me pareça utópica para os próximos anos, existem questões morais que teriam de ser afloradas e regradas.

Ora vejamos. Falando de egos. Sendo o sensor uma tecnologia viva, quem seria o autor moral da fotografia? Afinal cada um iria querer receber os louros desta parceria...

Iria pairar sempre no ar o que aconteceu com a famosa imagem de Capa, “*The falling soldier*”, onde persiste a dúvida sobre a autoria da mesma?

É importante notar que é uma questão ética complexa e que pode variar de acordo com as circunstâncias específicas de cada situação. Independentemente da influência do sensor, o fotógrafo provavelmente ainda seria considerado o principal autor moral das imagens, a menos que houvesse um arranjo contratual ou legal que especificasse o contrário. Para reflexão este ponto...

Na versão romântica desta ficção, imagino o florescer de uma aliança sensor-fotógrafo, com ambos em perfeita comunhão. Uma verdadeira relação de amizade e cumplicidade seria estabelecida. Ambos iriam dar eco às suas emoções, cada um à sua maneira, contribuindo para uma criação que fosse ao encontro aos anseios de ambos. A colaboração entre ambos poderia tornar-se numa forma de expressão artística proveitosa. O sensor poderia influenciar a estética das imagens capturadas, adicionando uma outra dimensão à criatividade e visão do fotógrafo.

Assim como em qualquer relacionamento, poderiam surgir desafios e conflitos entre o fotógrafo e o sensor. Questões como confiança, controle e compatibilidade estética poderiam surgir, exigindo comunicação e resolução de problemas. Teriam ambos de contratar um advogado para

todas estas questões?

Em suma, um sensor de uma máquina fotográfica com vida própria, adicionaria uma dimensão fascinante ao processo fotográfico, à fotografia e à própria arte em si, transformando a relação entre homem e tecnologia em algo dinâmico. Como eu costumo dizer tantas vezes, o céu é o limite.

Despeço-me lançando um desafio: o caro leitor acredita que as ideias partilhadas nesta reflexão futurista, bem ao estilo de Philip K. Dick, podem ser possíveis num futuro próximo? Com o evoluir da IA, haverá espaço para sensores e máquinas fotográficas daqui a alguns anos? Vamos aguardar as cenas dos próximos capítulos.

Pág. seguinte:

From dusk to eternity.

Playa de Portizuelo, Astúrias, Espanha, 2022



Um pintor e um fotógrafo entram num bar...

A fotografia e a pintura partilham o feito de nos permitir uma consciência histórica do que fomos e somos. Com honestidade e lealdade, essa comunhão reúne todas as condições para ser eterna.

Texto e fotografias por **Ricardo Salvo**.

Como decerto repararam (pelo menos estou a contar com isso), o Nuno Luís deixou na mais recente edição da .Perspetiva algumas questões no ar sobre o que separa ou une fotografia e pintura enquanto formas de arte. Sei que leram, mas lembro algumas das suas interrogações. Na necessidade de retratar, reproduzir ou transmitir algo em forma de imagem, o que leva à opção entre a fotografia e a pintura? E quando sentimos necessidade de nos expressarmos de uma forma abstrata e irreal, o que nos leva a fazê-lo através de um meio mais vocacionado para a realidade – a fotografia – quando a pintura é o que efetivamente nos dá a opção de alterar o traço no sentido oposto ao da realidade que temos à nossa frente? E entre fotografia e pintura, o que nos motiva mais para uma ou para outra? Não há respostas certas, mas à me-

didada que ia avançando pelas linhas escritas pelo Nuno ia articulando, quase sem querer, respostas às suas questões na minha cabeça. E interiorizei imediatamente que o meu próximo artigo nestas páginas seria para partilhar o exercício com quem me lê. E com o Nuno Luís, obviamente. E aqui estou eu a cumprir com esse propósito.

Começo por uma confissão: eu gostava muito de saber desenhar e pintar. Dominasse eu tal faculdade e tenho a certeza que teria umas telas já preenchidas entre o meu portfólio. Tal como o Nuno, desde muito novo que sempre me atraiu o poder de reproduzir o mundo e o que nele vejo através de imagens. Porém, muito honestamente, o “decalque” da realidade através de um meio químico-mecânico sempre me pare-

ceu mais mágico. Tecnicamente falando, a pintura é, enquanto capacidade, muito mais fácil de explicar do que algo que através da Física e da Química reproduz as coisas tal como elas são. Embora os meus estudos tenham seguido o caminho das humanidades e as minhas profissões pouco tenham tido a ver com a física e a engenharia, sempre tive um lado de “engenhocas” que me leva a questionar como as coisas funcionam. E de todas, a fotografia, no início mais enquanto meio do que expressão, foi sempre a que mais me fascinou. Quando Nicéphore Niépce, há quase 200 anos, idealizou a mecânica à qual a fotografia deve, não terá sido certamente porque queria simplificar o ato de conceber imagens, até porque durante muitos anos a logística inerente ao ato de pintar continuou a ser mais fácil do que a de fazer uma fotografia.



A fotografia é a materialização do meu fascínio sobre os efeitos da luz nas coisas e no tempo.

Tal como eu, mas em toda uma outra escala, Niépce tinha o fascínio sobre o que era possível fazer com a luz enquanto elemento natural, real e físico.

A luz. Mais do que a fotografia, a luz e o que com ela se consegue fazer sempre foi o que mais me cativou. A ciência da luz e da cor, os achados de Newton e Einstein e tudo o que daqui resulta é para mim o que de mais assombroso existe à face da Terra. Não tenho para mim nada mais fascinante na natureza do que a luz. No meu caso, todo o fascínio pela física de uma câmara fotográfica e em toda a sua ligação à ciência da luz terá sido o ponto de ignição para tudo aquilo a que eu hoje dedico à arte de fotografar (mais sobre isso em artigo que guardo para mais tarde). Talvez por isso, no que diz respeito ao ato de “retratar” o mundo, divida o meu encanto quase em partes iguais entre a fotografia e o cinema (tema também para outro artigo).

E agora sigo direto para uma das mais pertinentes questões que o Nuno Luís nos lança. Quando existe uma intenção de nos exprimirmos de uma forma abstrata e irreal, porquê a fotografia e não a pintura, quando esta última é a mais funcional na conceção de mundos que existem apenas na criatividade de alguém? A resposta que me permito é a minha, pessoal e intransmissível: o que me seduz verdadeiramente é a criação de formas de olhar para o real e de nele descobrir mundos paralelos ou que nos transportem para realidades induzidas. Em qualquer fotografia da minha autoria, por muito abstrata que seja, o que nela está é sempre uma escrita feita pela luz e pelas suas capacidades quando relacionadas com o tempo. Efeitos visuais e adulterações pós-produção à parte, apenas a fo-

tografia e o cinema conseguem este notável feito e tão ao encontro da minha obsessão pelo lado mais científico da luz. Porém, esta conceção do “irreal”, do apelo à imaginação e esta materialização da criatividade não substitui de forma alguma o lado mais objetivo da fotografia. A fotografia documental tem o seu lugar, tão nobre como a fotografia conceptual e abstrata. O lado mais informativo da fotografia, e desde que em perfeita lealdade com o que é fotografado, é também o que lhe dá mais doçura pela forma como acompanha a vida em tempo real e o seu movimento.

Desde que existe a fotografia que fotografia e pintura vivem interligadas e em permanente complementaridade. Ambas cresceram com esta conjugação na qual a fotografia tem criado motivação para movimentos de pintura e vice-versa. Tenho para mim que entre pintura e fotografia não se coloca uma questão de opção, sobretudo decorridos já quase dois séculos desde a sua convivência. O que nos é permitido saber da vida, a matéria da consciência do que somos e do que fomos, a ambas se devem e tudo leva a crer que assim continuará a ser por muitos e muitos séculos.



O apelo à criatividade não substitui o lado mais objetivo da fotografia e a sua capacidade de mostrar o mundo como ele é.



Fotografia e pintura sempre cresceram com uma conjugação na qual a fotografia tem criado motivação para movimentos de pintura e vice-versa.



A fotografia tem a capacidade de nos transportar para realidades induzidas a partir do que efetivamente existe e é objetivo.

Homem, um rio como o sinto.

Ensaio.

Homem, um rio como o sinto.

“A água é o solvente universal; em cada gota de chuva, lava e recria o mundo.” ~ Octavio Paz

Texto e fotografias por **Ricardo Rocio**.

Este ensaio é o passo de entrada num projeto fotográfico que pretendo seja mais longo, onde me proponho fotografar um rio desde a sua nascente, pertos das minas de Carris, no coração do Parque Nacional da Peneda-Gerês, até que se funde noutra rio do qual é afluente, o Cávado.

Pouco antes de decidir abraçar este projeto estava-me a sentir um pouco vazio na minha fotografia. Faltava algo diferente que me entusiasmasse e me fizesse sentir a vontade de sair para a natureza e criar. Fazia falta um motivo, um farol distante que me guiasse. Uma pausa fotográfica estava já no horizonte, não fossem umas palavras amigas no momento certo a colocarem-me novamente nos trilhos. O impulso de não baixar os braços foi plantado num anfiteatro de Vouzela, no intervalo de um evento.

Faltava apenas decidir o que fazer e como fazer.

A resposta veio até mim às primeiras horas de um dia, durante uma saída fotográfica num local tranquilo junto à margem do rio Homem. Uma chuvada torrencial, como de poucas me recordo, fez-me parar para contemplar a beleza das grossas pingas de chuva a embaterem violentamente no caudal suave do rio. Subitamente senti-me iluminar por dentro, estava ali a resposta ao quê e ao como: iria fotografar o rio Homem, mas usando uma abordagem diferente: não iria ao rio procurar imagens, iria fisicamente até ao rio, sem ideias pré concebidas, e iria emocionalmente deixar o rio vir até mim, deixando-o mostrar-me a beleza que secretamente guarda e que apenas mostra a quem tiver disponibilidade para a receber.

As imagens que apresento neste pequeno ensaio são as que até agora resultaram da meia dúzia de vezes em que me deixei inebriar pela singular beleza do Homem. Mais ensaios irão acontecer e em todos eles tentarei deixar um pouco de mim.

























Frozen.

Pitões das Júnias, 2023

Texto e fotografia por **Mário Cunha**.



Uma manhã silenciosa e gelada

Como muitos sabem, o Gerês é o meu local de eleição para fotografar. Esta imagem representa um pequeno recanto de um local que visito com alguma frequência e do qual gosto muito, Pitões das Júnias. Este é um excelente exemplo de que conhecer um local e como a luz interage com a paisagem é de grande importância. Quando as temperaturas descem abaixo de 0° C neste sítio, a probabilidade de termos uma geada forte, mesmo nos troncos das árvores, é altíssima!

Pitões das Júnias é um local de boa gente, de uma paisagem dura e ao mesmo tempo de extrema beleza. Para além da presença da cabra montês e do lobo ibérico, espécies que marcam esta região, os bosques adornam toda a paisagem granítica. No dia 3 de Janeiro de 2023 visitei este bosque que se situa junto a um ribeiro no sopé das montanhas. As temperaturas rondavam os -4° C. Penso que a humidade proveniente do ribeiro seja importante para que, com a presença de temperaturas negativas, se forme

esta geada lindíssima. Sabendo onde a luz iria surgir primeiro e depois de escolher a composição, simplesmente esperei. A composição é simples mas possui alguns detalhes que gostava de partilhar convosco.

Eu tento que as minhas imagens de bosque tenham alguma harmonia e movimento. Se repararem, o ramo iluminado, para além de nos atrair devido à sua luminosidade, também nos conduz para o interior da imagem. Gosto de pensar que a árvore que incluí à esquerda, mais sombria, com um movimento oposto à anterior, nos mantém dentro deste pequeno detalhe de uma manhã gélida. O espaço aberto deixado perto do canto superior direito, também este sombrio, foi propositado: é o espaço para a luz passar. Luz esta que destaca os detalhes dos ramos congelados depois de uma noite passada a temperaturas negativas.

Quando estamos a criar este tipo de imagens, onde a luz está à nossa frente, devemos ter muito cuidado para evitar o “*flare*” que pode ser indesejado, como seria neste caso. Para tal, e para além da qualidade óptica da vossa objetiva que terá um papel chave em evitar que tal aconteça, o uso do pára-sol é recomendado. Neste caso em particular há outra razão pela qual isso não foi um problema - utilizei uma distância focal de 59 mm (sensor micro 4/3) que a minha experiência me diz ser menos suscetível a “*flare*” do que distâncias focais menores. No entanto, evitar o “*flare*” não foi o motivo da escolha desta distância focal mas sim o facto de querer comprimir os planos, ou seja, aproximar a árvore mais ao fundo da árvore iluminada à frente, criando a ilusão de que estão mais perto do que na realidade acontece.

Finalmente o pós-processamento foi muito simples, centrado em controlar o contraste entre os diferentes planos e, mais importante, no equilíbrio de brancos e saturação dos azuis, criando uma atmosfera que representa o quão fria era aquela manhã.

Pág. anterior e seguinte:
OM 1
Olympus 40-150 f2.8 PRO
1/250s a f/8, ISO 200, 59mm
Temperatura de cor: 5000 Kelvin



Inverno a três tempos.

Inverno a três tempos.

“Afaste a sua mente de fotografar ‘coisas’. A fotografia tem tudo a ver com luz e como ela cria melhores imagens.” ~ David Cobb

Texto e fotografias por **Miguel Serra**.

Com a entrada do novo ano, os meses de janeiro e fevereiro seriam cruciais para registar o inverno rigoroso da Serra da Estrela, em pleno Covão da Ametade. Por isso, uma altura aguardada com muita ansiedade e ao mesmo tempo alguma reserva.

Focado nas previsões meteorológicas, a expectativa aumentava aquando do anúncio da descida das temperaturas associada à precipitação. A queda da neve com alguma intensidade e a disponibilidade necessária eram determinantes.

Mas quem procura a inspiração na natureza para fazer fotografia sabe que por vezes as condições no terreno e a luz mais apetecível podem não surgir. Nessas circunstâncias, o mais importante é aproveitar ao máximo todas as saídas fo-

tográficas, sem qualquer razão para desculpa.

Apesar de os cenários ocorridos não terem sido os mais desejados, o trabalho alcançado deixame tranquilo e determinado em dar continuidade ao desafio de fotografar este lugar idílico nas quatro estações do ano.

Mesmo assim, foi possível captar três ambientes distintos, característicos desta época: a neve, o nevoeiro e o gelo. Tudo o que mais procurava captar!

A neve

Por aqui, na montanha mais altaneira de Portugal Continental, o inverno tem sido atípico, assim como noutras paragens da Europa Central.

Temperaturas acima da média e a ausência de precipitação naqueles dias em que foram registadas descidas acentuadas. Neste período, e até à data em que escrevo o artigo, foram registados apenas três episódios de queda de neve no Covão da Ametade. Depois de ter falhado uma oportunidade, as duas ocasiões que se seguiram foram aproveitadas de forma distinta.

A primeira aconteceu no sábado de Carnaval, num curto espaço de tempo e em dia de muita afluência de turistas. Dadas estas condicionantes, sabia que era imperioso abraçar a ocasião com toda a convicção e desfrutar ao máximo.

Mas foi preciso entramos no último fim de semana de fevereiro para que nevasse a sério na Serra da Estrela. Nunca o Covão da Ametade es-



Covão nevado. Covão da Ametade, fevereiro 2024



Cortina invernal I. Covão da Ametade, fevereiro 2024

teve tão longe... pois, com a estrada que liga a vila de Manteigas às Penhas da Saúde encerrada ao trânsito devido à queda da neve, a única forma de chegar aquele local foi realizar uma caminhada de cinco quilómetros e outros tantos de regresso ao carro, através da Rota do Glaciar - [PR6 MTG](#). Mais do que as fotografias conseguidas, fica a experiência solitária num terreno de difícil andamento, sob condições exigentes, com muita neve, alguma chuva e vento de cortar a respiração.

A candura e a simplicidade da neve transformam o Covão da Ametade. O Cântaro Magro preenche a paisagem avassaladora, adornado entre as bétulas e a vegetação pintada de branco. A ausência de cores apelativas é, por si só, um desafio na captação da cena aprazível.

Para além da fotografia de paisagem aberta que enquadra o leitor, foi oportuno deleitar-me entre os ramos das bétulas, que resistem, ano após ano, ao ambiente agreste da montanha, num enredo caótico, mas de respeito mútuo.

O nevoeiro

Na fotografia de paisagem natural, o nevoeiro atribuiu a qualquer local um ambiente de misticismo. É um elemento facilitador na composição, uma vez que colabora na separação dos elementos.

Numa manhã em pleno mês de janeiro, a visita ao Covão da Ametade foi planeada de forma a realizar alguns registos alusivos à nostalgia e melancolia do nevoeiro.

As bétulas serão sempre uma presença constante, independentemente da estação do ano. O

Rio Zêzere corre sereno num inverno de duas faces.

O gelo

A bravura e o rigor do gelo serão sempre um bom motivo fotográfico. Como já atrás tive a oportunidade de referir, neste inverno com registos de temperaturas acima da média para a época por diversos dias sucessivos, foram poucas as oportunidades de captar a formação da geada e do gelo no Covão da Ametade.

Mesmo assim, linhas e texturas geladas fogem à rotina da nossa imaginação. Em pequenas poças de água é possível captar algo muito distinto, imposto pela profundidade da massa de água congelada. Um mundo onde a imaginação não tem limites, numa fotografia intimista sobre o espaço natural que nos absorve.

Próximo capítulo...

Sem saber o que ainda pode suceder até ao fim da estação do inverno, viajamos a passos largos para os dias mais longos do ano. Com os dias a crescer e a luz solar a incidir por mais tempo diariamente, é ambicionada a renovação da flora dominante do Covão da Ametade, onde as bétulas ganham nova vida e o cervum renova-se com o início da primavera. Flores e aromas vão despontar ao longo de dias mais solarengos e amenos, entre a serenidade deste lugar inigualável.



Cortina invernal II. Covão da Ametade, fevereiro 2024

Pág. seguinte: *Corrente serena.* Covão da Ametade, janeiro 2024





Entre bétulas I. Covão da Ametade, janeiro 2024



Entre bétulas II. Covão da Ametade, janeiro 2024

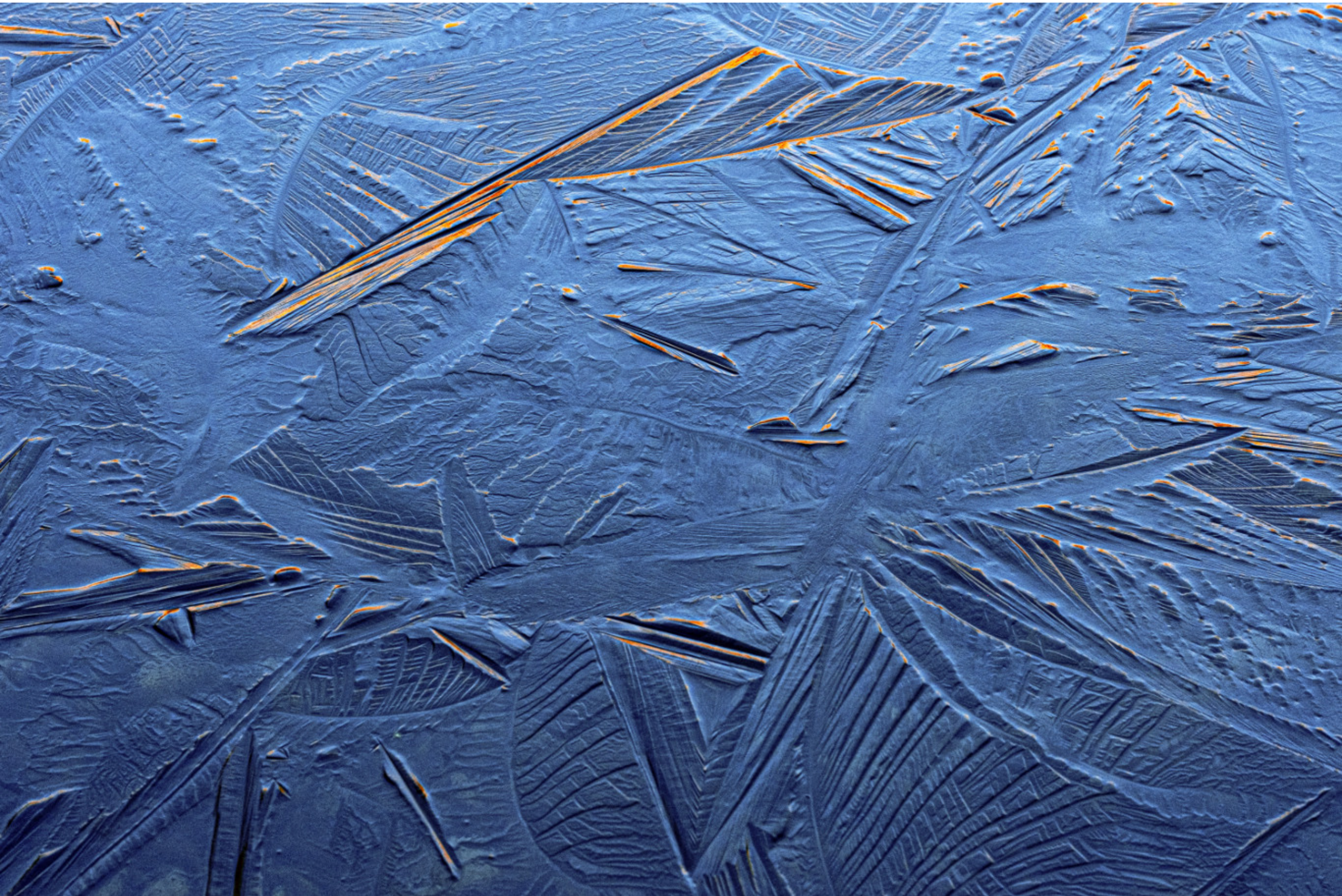


Folhas submersas. Covão da Ametade, dezembro 2023



Outono estático. Covão da Ametade, janeiro 2024

Pág. seguinte: *Mosaico gelado.* Covão da Ametade, janeiro 2024



Oeste Selvagem.

Oeste Selvagem.

Tal como a fotografia, a partilha dos momentos que passamos na natureza através de um filme pode ser algo profundamente íntimo e belo. Uma saída de campo nunca é só uma saída para ir fotografar. É uma saída em busca de equilíbrio, de tempo para desfrutar da nossa solidão e viver a paisagem efémera.

Texto e fotografias por **Tiago Mateus**.

Almada, 7:30 da manhã. Os primeiros fios de luz passam pelos furinhos da persiana. Lá fora, a grande cidade que ainda cintila em tons de mercúrio, já há muitas horas acordou com o ronco dos autocarros e o guinchar metálico do metro de superfície que circulam vazios pela avenida naquela madrugada de sábado. Cá dentro, no quentinho do vale de lençóis, volto a adormecer por mais um par de horas. Fotografar a preto e branco durante um ano deixou-me com alguns maus hábitos, como, por exemplo, o de dormir quanto que me apetece e ignorar toda a ansiedade fotográfica matinal.

Vale de lençóis, 9:30. Decido finalmente levantar esta carcaça sonolenta em direção a mais uma manhã preguiçosa. Ao pequeno-almoço,

como é habitual, há uma previsão meteorológica, uma compota de morango, uma tábua de marés, uma torrada com azeite e o indispensável café de cevada. Maré baixa, nuvens altas, abertas, vento fraco, temperatura do ar de 18 °C. São estes os ingredientes para um pequeno-almoço rico em ideias. A chuva dos últimos dias tinha finalmente dado lugar a um otimismo solarengo que me ajudou a superar a procrastinação clínica daquela semana. Pensei cá para mim: "hoje é dia de filmar!" Comecei então por preparar uma mochila para a grande produção cinematográfica que consistia num homem com uma câmara na praia. Apesar de isto parecer uma brincadeira, a verdade é que levo os dias de filmagens muito a sério. O meu canal de YouTube® apenas recebe três ou quatro publi-

cações por ano, assim tento fazer conteúdos com o máximo de qualidade, passando por vezes várias semanas em pós-produção. Desta vez o objetivo não seria andar muito, por isso carreguei a mochila com dois corpos e quatro lentes; um para filmar, outro para fotografar; sem esquecer o microfone, os filtros e dois tripés. Decisões, decisões, quantas vezes nos arrependemos? Feito burro de carga, pus-me a caminho de uma das mais belas paisagens naturais de Portugal, o Oeste Selvagem. Quilómetros de areia, falésias altaneiras e mar a perder de vista com muito pouca presença humana.

Minutos mais tarde, a primeira paragem, no supermercado. Não se parte para uma expedição desta envergadura sem um bom avio de empa-



Oreo. Oeste, janeiro 2024

das de carne e rissois de camarão para o almoço. Toda a complexa logística de equipamentos e refeições fez com que a ponte sobre o rio Tejo só fosse atravessada por volta das 11:30.

Adoro passar estes dias sozinho completamente por minha conta, a fazer tudo sem pressa. Quando não temos compromissos é impossível chegar tarde seja onde for. Gosto de desfrutar destes momentos sozinho, fazendo “zapping” pelas estações de rádio a cem à hora na autoestrada, apreciando distraidamente os montes suaves com moinhos de vento no topo. A fotografia também é feita disto.

Oeste, 13:15. A maresia entra pelo vidro aberto da carrinha enquanto percorro um estradão esburacado até à falésia. O ritual de início de todas as saídas fotográficas repete-se, calço as botas sentado na bagageira da carrinha, monto a máquina no tripé, o microfone e os filtros na câmara de filmar. Nos meus filmes normalmente deixo a paisagem escrever o guião, por isso todos têm o mesmo denominador, a caminhada. Este não seria exceção, contudo assim que me abeirei da falésia dei conta do meu primeiro erro, não seria possível caminhar pelo areal, a maré ainda estava demasiado alta e as ondas batiam na sua base. Sem grande alternativa, decidi seguir pelo topo da falésia filmando o percurso mais acidentado. A progressão no terreno quando se está a filmar a própria caminhada é muito lenta. Consiste em procurar um bom enquadramento, focar, verificar níveis de áudio, encenar, isto é, caminhar em frente à câmara de forma heróica, voltar para trás, recolher a câmara e seguir caminho, repetindo isto exaustivamente dezenas de vezes.

Um dos primeiros planos que filmei foi o atra-

vessamento de um pequeno curso de água, onde fiz vários planos da água límpida que corria calmamente em direção ao mar. Uns metros mais adiante deparei-me com um cenário que tinha tanto de bonito como de surreal. O mesmo ribeiro que tinha atravessado anteriormente serpenteava agora entre duas margens, uma cor de chocolate e outra branca como o leite. Com uma câmara a filmar e outra a fotografar enquadrei as duas margens como se de uma obra de pastelaria se tratasse. Foi a partir deste ponto que a caminhada começou a ficar realmente interessante. Aos meus pés, um bailado de risquinhos coloridos convidava a dançar à música das ondas que se ouvia ao fundo. Porém, a música no meu estômago era outra, um ruído cavernoso primordial que apenas me deixou tempo para mais duas composições coloridas. Quando não estou a filmar, almoço em qualquer parte do percurso, mas com a obrigação de partilhar a experiência em vídeo, desta vez optei por procurar poiso no topo da falésia onde a vista era realmente deslumbrante. Este foi o sítio ideal para filmar o ritual do cafezinho quente, um clássico em todos os filmes de caminhada na natureza.

Após filmar o repasto, já com a maré mais baixa, estava na hora de descer até ao areal. Começou assim a stressante tarefa de encontrar um sítio onde descer da falésia. Durante algum tempo procurei aqui e ali, para cima e para baixo, mais a sul, mais a norte, mas não encontrei nenhum sítio onde descer. Pensei então em continuar a caminhar para sul, pois eventualmente encontraria um ponto de passagem para a praia... Segundo erro.

Horas decorreram, quilómetros passaram, e nada. A frustração crescia, assim como o cansa-

ço. Havia percorrido cerca de cinco quilómetros, carregado com os dois tripés e as câmeras, o percurso tinha pouco interesse para filmar e ainda menos para fotografar. Decidi parar um pouco para descansar e consultar o mapa. Reparei que algumas centenas de metros mais adiante, continuando o percurso, encontraria uma pequena aldeia, um estradão e quem sabe um trilho para o areal! Não queria desperdiçar o dia de filmagens, por isso decidi arriscar. Parei de filmar, coloquei tudo na mochila e apressei o passo. A luz dourada não deixava dúvidas, o pôr do sol aproximava-se. Carregado como uma mula e a soar como um cavalo, lá encontrei a passagem entre dois paredões onde filmei a épica chegada ao areal com a cara vermelha como um tomate.

Universo paralelo, 16:15. Como um astronauta que chega a outro planeta, lá em baixo tudo parecia diferente e estranho. O ar era mais denso. A força gravítica fazia-se sentir mais intensamente. A luz, dourada, refletia da água que escorria pelas paredes como fios de ouro. Espalhados pelo areal liso, avistavam-se diversas rochas e rochedos caídos das alturas. Alguns fraturados pela queda e outros desarrumados pelo mar bravo. As forças da natureza neste novo planeta revelavam-se mais fortes que o habitual. Algumas das rochas exibiam cores mundanas em tons cinza e amarelo, outras arroxeadas e vermelhas pareciam mais alienígenas. A fotografia fluía novamente. Segui o areal para norte, sempre filmando e fotografando com o ânimo completamente recuperado.

Como quase sempre me acontece, foi só depois do pôr do sol que encontrei aquilo que mais me emocionou nesta pequena aventura. Lá do alto, um barreiro lavado pela chuva escorria pela fa-

lésia. Um vermelhão que gotejava de dezenas de metros, criando padrões na areia por entre as rochas mais abaixo. Era como se a falésia chorasse lágrimas de sangue. Com o pouco tempo que me restava não consegui dedicar-me o suficiente a este cenário belo e dramático. As primeiras composições saíram um pouco caóticas, mas finalmente consegui concentrar-me em duas que mostram em pormenor os detalhes do efémero rio de sangue daquele Oeste Selvagem.

Semanas mais tarde voltei ao local para repetir a aventura, desta vez sem passar pelo topo da falésia. Contudo, como é normal neste tipo de paisagens, nada do que encontrei se assemelhava ao que fotografei da primeira vez. A natureza no Oeste Selvagem muda o cenário a cada maré, a cada tempestade.

Podem ver o filme deste dia de suor e lágrimas de sangue brevemente no meu canal de YouTube® “Tiago Mateus Photography”.



Bailado. Oeste, janeiro 2024



Pág. anterior:
Sem saída. Oeste, janeiro 2024



Fios de ouro. Oeste, janeiro 2024



Alienígena. Oeste, janeiro 2024



Lágrimas de sangue. Oeste, janeiro 2024

Pág. seguinte:
Rios de sangue. Oeste, janeiro 2024





Paisagens efémeras. Oeste, janeiro 2024

A árvore das fotografias

Parte II



A árvore das fotografias

Parte II

Texto e fotografias por **Luís Afonso**.

Na primeira parte deste artigo falei sobre a localização física do arquivo fotográfico. Agora vou explicar como este arquivo fotográfico se liga ao software de catalogação e edição de imagem que utilizo: o Adobe Photoshop Lightroom Classic® (Lightroom®).

O Lightroom®, não sendo um gestor de ficheiros por excelência, é, no entanto, a aplicação indicada para fazer a gestão de qualquer fotografia que esteja contida no seu catálogo, sendo inclusive desaconselhado “mexer” nos ficheiros fora da aplicação. Note-se que estamos aqui a introduzir um novo conceito: o catálogo.

Para melhor entender o que é o catálogo, sugiro que consultem esta [página](#).

Como é referido nesta ligação, o Lightroom® guarda no seu catálogo um apontador para a localização física das imagens nos suportes magnéticos onde se encontram — e não as próprias

imagens. Essa localização pode ser o disco do nosso computador ou um disco externo que usemos para guardar o nosso arquivo fotográfico. Qualquer gestão sobre os ficheiros contidos no catálogo deve ser por isso efetuada através do Lightroom® para que este possa continuar a saber onde estão as fotografias e com que características. Operações como nomeação de ficheiros e pastas, mover fotografias entre pastas, eliminação de fotografias, etc., devem ser sempre feitas na aplicação.

Se por acaso realizarmos estas operações diretamente sobre o arquivo fotográfico (por exemplo mudando o nome de uma pasta ou de um ficheiro), ao entrarmos na aplicação e abrirmos o catálogo que contém essa pasta ou fotografia, o Lightroom® vai deixar de saber onde essas fotografias se encontram. O apontador passa a apontar para um pasta ou ficheiro que já não existe naquela localização. Sempre que o Lightroom® perde a ligação com a localização de

um determinado ficheiro aparece um “!” no canto superior direito da miniatura da fotografia.

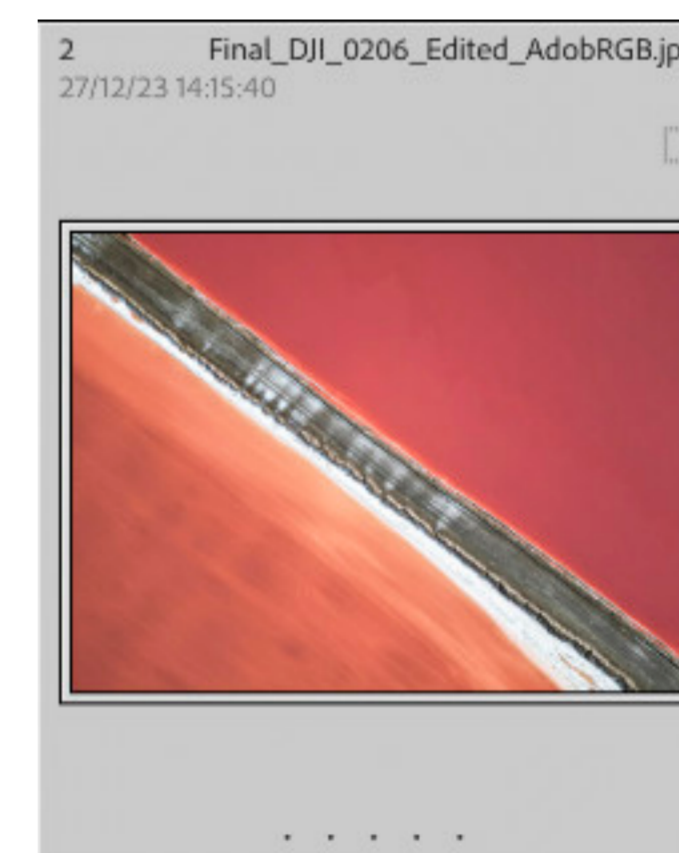


Imagem 1: Miniatura no modo de exibição de grade (tecla G) mostrando o ícone “!” no canto superior direito que indica fotografia ausente. O Lightroom® não encontra o ficheiro no local que tem registado no seu catálogo.

É muito importante perceber a diferença entre catálogo e arquivo fotográfico e perceber que o catálogo apenas contém apontadores para as localizações do arquivo. Se as localizações mudarem é preciso atualizar os apontadores.

Em que situações as ligações entre o catálogo e o arquivo podem ser perdidas? A resposta é só uma, sempre que o conteúdo do arquivo fotográfico que já foi importado para o catálogo do Lightroom® sofrer alterações fora deste. Por exemplo:

1. Quando o suporte externo onde a(s) fotografia(s) se encontra(m) não está ligado ao computador. Imaginemos que o nosso arquivo é composto por um ou mais discos externos. Se esses discos estiverem desligados do computador (no Windows basta terem mudado de letra...) todas as fotografias que lá se encontram vão ser dadas como ausentes no Lightroom®. Como resolver? Simples, ligando de novo os discos ao computador.
2. Quando no Windows o disco muda de letra. Como já referi, se o Lightroom® está a apontar para o disco D:\ e se por acaso o Windows se lembrar de mudar a letra desse disco para G:\, o Lightroom® vai mostrar como ausente todas as pastas e fotografias desse disco. Para o corrigirmos é preciso dizer ao Lightroom® que as pastas estão agora no disco G:\. Para fazer isso, se tem um pasta de topo onde estão todas as outras, basta clicar com o botão direito sobre essa pasta no Lightroom® e escolher a opção “Localizar pasta ausente...”. Depois basta procurar a pasta que deve ter o mesmo nome no disco G:\.
3. Quando se altera o nome de uma pasta do ar-

quivo fotográfico fora do Lightroom®. Para corrigir esta situação o mais simples é voltar a colocar o nome como estava (e que o Lightroom® sabe). Se não quiser fazer isto, é preciso dizer ao Lightroom® o nome da nova pasta. Para isso clica-se com o botão na pasta ausente no Lightroom® (aquela que agora tem um novo nome), escolhe-se a opção “Localizar pasta ausente...” e seleciona-se a pasta com o novo nome. Nenhuma alteração é feita sobre as fotografias que se encontram na pasta. A única coisa que aconteceu foi que “mudaram” de pasta e o apontador do Lightroom® precisa de ser atualizado.

4. Quando se altera o nome de um ficheiro. Bom, alterar nomes de ficheiros fora do Lightroom® é de todo desaconselhado. Ao fazermos isto estamos a desaparecer com o ficheiro que se encontra no Lightroom® e vamos perder tudo o que fizemos sobre aquela fotografia. Na verdade, há uma forma de recuperar tudo, que é copiar tudo o que foi feito sobre aquela fotografia para a “nova” que vamos ter de importar para o catálogo. Ou seja, se tínhamos uma fotografia chamada A.RAW e agora a renomeamos para B.RAW, a fotografia A.RAW no catálogo ficará para sempre com um “?” associado. Para o Lightroom® será uma fotografia ausente. Para corrigir isto o mais correto é voltar a colocar no ficheiro o nome que o Lightroom® conhece. Se isso não for possível, importa-se a nova fotografia B.RAW e depois vamos ter de copiar tudo o que fizemos sobre A.RAW (palavras chave, classificações, pós-processamento, etc.) para B.RAW. Só depois de garantirmos isto poderemos remover do catálogo o ficheiro A.RAW.

Como é facilmente perceptível, desaconselho totalmente mexer no arquivo fotográfico depois de este estar importado para o Lightroom®. Das vezes que tenho sido chamado para resolver problemas ligados ao catálogo de Lightroom®, 99,9% relaciona-se com a fraca perceção que as pessoas têm entre o que é o arquivo e o que é o catálogo e qual a dependência entre os dois.

De modo a simplificar todo este processo, aconselho vivamente a que nunca façam a gestão dos ficheiros das vossas fotografias que já se encontrem no catálogo fora do Lightroom®. Acreditem, vai poupar-vos muito trabalho entediante. Renomear ficheiros, pastas, criar novas pastas, mover ficheiros e pastas para dentro de outras pastas, tudo isto pode e deve ser feito dentro do Lightroom®. Através de “*drag and drop*” ou mesmo através das opções de menu. Simples e eficaz!

Para terminar este artigo sobre a estrutura do arquivo fotográfico em disco, gostava de partilhar convosco o meu fluxo de trabalho no que diz respeito à importação e gestão das fotografias em disco. Como ponto prévio, importa dizer que o arquivo fotográfico está todo num disco externo ao computador, ou seja, a importação é sempre feita para um único disco, para a estrutura já explicada anteriormente.

Fluxo de importação

Após cada sessão fotográfica as fotografias são copiadas do cartão de memória para o computador através do Lightroom®. É colocado o cartão de memória num bom leitor de cartões e selecionando a opção de menu “Arquivo > Importar fotos e vídeo...” estou preparado para copiar

as fotografias do cartão de memória para o arquivo fotográfico. Nesse processo existem algumas operações que gosto logo de fazer no momento da importação e que aconselho que também as façam caso encaixe também no vosso fluxo de trabalho:

1. Renomear os arquivos no momento da cópia, através da secção “Renomeação de arquivo”, selecionando uma predefinição que criei anteriormente ao meu gosto e que mantém o número original do ficheiro e adiciona um sufixo com um nome à escolha. Mais uma vez, recomendo que nunca usem caracteres especiais e acentos no nome dos arquivos para garantir compatibilidade entre Mac e Windows.
2. Adicionar palavras-chave. Aqui têm de ser palavras-chave genéricas que se apliquem a todas as fotografias que estamos a importar e que ajudem a encontrar depois estas mesmas fotografias.
3. Adicionar *copyright* através de uma predefinição de metadata que criei anteriormente para automaticamente adicionar as minhas definições de autor, tais como o nome, site, email, etc..

Como disse anteriormente, as fotografias são copiadas para o disco externo, por exemplo, para a pasta “ArquivoFotografico > 2024 > 2024-02-14”. Quando finalmente o processo de importação termina, tenho as fotografias disponíveis no catálogo do Lightroom® (e os respetivos ficheiros copiados para o arquivo fotográfico, na estrutura de pastas do disco externo) com um novo nome, com informação de *copyright* e com palavras-chave genéricas atribuídas.

Se a sessão é de extrema importância para mim, ou seja, se julgo conter fotografias que são demasiado importantes para merecerem um grau extra de segurança e cuidado, desligo a aplicação Lightroom® e copio a(s) pasta(s) que acabei de importar para um disco externo de backup temporário. Isto para garantir que tenho os ficheiros em dois locais, caso no processo de gestão das fotografias que se vai seguir algo aconteça. Isto porque vou apagar alguns ficheiros, alterar nomes, mudar de pastas, etc., e nesse processo algo pode correr mal. Não costuma acontecer, não me lembro de ter acontecido alguma vez, mas se as fotografias foram tiradas num local ao qual não vamos voltar, são parte de um trabalho que não podemos perder, ou qualquer outro fator importante, é fundamental que as copiem para um segundo local, uma vez que elas já não se encontram no cartão de memória. Mais vale prevenir do que remediar, como diz o povo.

Um amigo que também usa o Lightroom® no seu fluxo de trabalho faz sempre uma cópia de todas as fotografias que importa para um sistema de *cloud* na internet. É uma solução que garante um nível extra de segurança. Existem vários serviços destes na internet, desde soluções da MEO, como da Amazon, da Google ou da Apple, entre outras, que providenciam espaço em disco na *cloud* que podem usar para armazenar os vossos ficheiros. Isto também vos permite aceder aos ficheiros em qualquer altura e em qualquer lugar. No meu caso, como uso este backup como temporário, não precisaria de um grande espaço em disco, podendo aceder a soluções destas a muito baixo custo.

Importadas que estão as fotografias para o nosso catálogo – e garantido o tal nível extra de

segurança, caso necessário – estou pronto para proceder à gestão da(s) pasta(s) que acabei de importar.

A primeira coisa a fazer é percorrer todas as imagens e ir marcando as que são para rejeitar. Vou clicando na tecla “X” para as marcar para irem para o lixo. Ao princípio só iam parar ao lixo fotografias desfocadas, mal expostas ou com outros defeitos técnicos. Neste momento, passados alguns anos sobre as primeiras sessões de análise, sou muito mais rigoroso nas imagens que vou aproveitar e é normal que 80% das fotografias sejam marcadas com “X”. Não aconselho que façam o mesmo, se ainda não têm confiança para tal, mas aconselho que deem fora todas as que acham estarem mesmo más. Só vão estar a guardar imagens para as quais nunca mais vão olhar e as vossas fotografias boas vão andar perdidas ali pelo catálogo... Para além disso, poupam bastante espaço se guardarem apenas as razoáveis e eliminarem para sempre as mesmo más.

Depois de selecionar as fotografias para rejeitar é tempo de as eliminar todas do catálogo e do disco rígido (arquivo). Após esta limpeza, é tempo de renomear as fotografias sobreviventes e atribuir palavras-chave de forma mais precisa (imagem a imagem ou por grupo de fotografias), de modo a garantir que as encontro mais facilmente no futuro. É também tempo de as identificar em termos de locais no módulo Mapas, atribuindo-lhes coordenadas GPS. É também nesta altura que escolho algumas das favoritas, atribuo classificações e as adiciono a coleções, caso aplicável. Tudo operações que vão facilitar a gestão do catálogo e maximizar a simplicidade de as encontrar num futuro próximo ou longínquo. É por esta razão que é impor-

Ross Hoddinott

Masters of Landscape Photography

Primeira Edição: Reino Unido, novembro de 2017
Ammonite Press (23,5 x 29,5 cm, 176 páginas, capa dura)

"Há já alguns anos que defendo que precisamos de uma compreensão muito mais dinâmica da paisagem como uma força que nos molda e nos escapa, uma presença que se infiltra nas nossas mentes e nos nossos corpos, um meio com o qual somos recíprocos e do qual dependemos." ~ Robert Macfarlane, Prefácio

Texto por **Rúben Neves**.

Escrever sobre uma coleção de fotógrafos é sempre um risco. Por um lado, estaremos a deixar de fora alguns profissionais que poderiam estar presentes nessa escolha, anuindo assim com a decisão sobre o leque de eleitos. Por outro, podemos incorrer na inevitabilidade de "queimar", de uma assentada, um conjunto de fotógrafos sobre os quais queiramos, mais tarde, escrever. Neste caso, penso que só peerei pela primeira decisão, até porque a vida e a obra destes autores não se esgota num livro, muito menos quando são mostradas apenas algumas fotografias dos seus vastos patrimónios visuais. Com efeito, entre a infelicidade de não revelar um espólio de artistas (deste gabarito) num só livro ou de repetir, mais tarde, outras linhas sobre alguns deles, arrisco certamente na segunda opção. Por último, esta coleção tem um valor de revelação extraordinário pelo sim-

ples facto de dar a conhecer, neste formato, fotógrafos que não têm a visibilidade de outros ou que, por variadíssimas razões, não têm publicado o seu extenso currículo visual, projetos ou trabalhos, em livro. Isso permite que o público tenha contacto e outro (re)conhecimento com aquilo que é a sua visão, as suas opções estéticas, as suas histórias e o seu legado. Não são poucos os casos, nesta coleção, de autores que têm as suas participações em diversas publicações de renome, pelo mundo fora, em páginas online, fóruns e blogs (para quem é do seu tempo), mas que não tiveram a possibilidade de mostrar, de uma forma mais nobre, parte da sua produção artística.

Quem compra um livro sobre "Mestres de fotografia de paisagem" espera, naturalmente, excelentes fotografias de paisagem. Até aí, estamos

de acordo. E será sempre uma opção acertada porque cada autor, à sua maneira, mostra-nos locais, explica técnicas e assume abordagens reveladoras sobre os seus trabalhos em vários recantos do mundo. Mas concordaremos, de igual forma, que o conceito poderá esgotar-se, independentemente da qualidade dos trabalhos que vemos, seja qual for a escolha das fotografias para o efeito. É por essa razão que este livro se destaca de outras coletâneas. Não será por acaso que por detrás da edição deste livro existe um consultor editorial e que esse consultor seja Ross Hoddinott, um dos mais completos e reconhecidos fotógrafos de natureza da atualidade. Dito isto, o livro não é apenas uma coleção de fotografias sobre grandes mestres de paisagem. Ele explica, em legendas, como é que foram feitas as fotografias e qual o motivo (quando existiu) da sua criação. Conta-nos, em entrevistas

que nunca cansam, os processos e as vicissitudes para atingir determinado nível de excelência. Desvenda os segredos de determinados pontos de vista, ângulos e enquadramentos escolhidos. Desmitifica as horas de ouro e algumas das “máximas” da fotografia de paisagem sem ferir suscetibilidades. E estreita a relação entre fotógrafo e público, em jeito de confissão sobre o percurso profissional. Tudo isto diga-se, pela forma inteligente como as entrevistas foram realizadas. Ficamos a saber, quase ao pormenor, como é que Art Wolfe planeia as suas viagens, desde o tempo anterior ao digital até aos dias de hoje. Espantamo-nos com a relação entre o “regime militar” e a mentalização de Colin Prior para conseguir as reconhecidas paisagens de montanha que perfazem as suas inúmeras capas de livros e revistas. Silenciamos-nos perante a relação entre a física quântica e a vida fotográfica de Daniel Kordan nas suas incursões pelas montanhas da Ásia Central. E refletimos sobre o processo de edição de Marc Adamus que pode demorar até cinco horas (já chegou às 20 horas) para finalizar uma fotografia. E sorrimos perante revelações únicas de influências várias que moldaram a filosofia de vida e de trabalho de Joe Cornish ou Hans Strand.

A nível fotográfico, é muito difícil não assumir que é um livro de mestres. São 16 profissionais que dedicam a sua vida à fotografia de paisagem, à arte, à conservação e ao ensino. Todos são inspiradores e todos têm um legado digno de realce, não necessariamente (só) pelos epítetos que o editor escolheu mas também pela abrangência que oferecem com as suas obras. Passo a explicar: o editor decidiu classificar todos os fotógrafos presentes nesta coleção com

“alcunhas” que fazem lembrar o estilo que foi adotado para classificar alguns dos reis de Portugal. Aqui, os cognomes assumem outros feitos, como “o mestre da conservação”, “o mestre das montanhas”, “o mestre da cor” ou “a mestra do impressionismo”, entre outros epítetos. Ora, sabendo que vários dos fotógrafos aqui referidos têm uma abrangência de trabalhos que os leva a poder ter várias “alcunhas”, encaramos a opção do editor como o seu enaltecimento relativamente pessoalizado sobre a classificação dada a cada fotógrafo. Está, sem qualquer dúvida, no seu direito. E serve, até, para nos reavaliarmos sobre a forma como entendemos e classificamos, nós próprios, alguns dos fotógrafos presentes nesta coleção. No limite, é um ótimo princípio de conversa que poderemos desenvolver noutros fóruns. Estamos, sem muitas dúvidas, perante um cardápio de estilos, opiniões e posicionamentos face ao mundo da fotografia. Seja na sua abordagem paisagística, seja no tempo de preparação, na definição de um estilo ou na preocupação e dedicação às várias fases do processo fotográfico. Com opiniões, por vezes, diametralmente opostas entre si e com as inevitáveis analogias entre outros autores, este livro tem uma mais valia assinalável. Podemos conhecer os processos, as opiniões dos artistas por detrás dos trabalhos que vemos e, alguns, até já conhecemos (sem nunca termos sabido a história por detrás da fotografia). E aí, entendendo a explicação do artista por detrás da fotografia, a nossa interpretação também muda. De uma forma simples, somos surpreendidos pelo que lemos face ao que poderíamos esperar sobre a produção de algumas fotografias e, sobretudo, pelos posicionamentos muito diferentes face ao que é a fotografia, como pode (ou deve) ser entendida, que mensagem deve pas-

sar (se é que deve) mas confluindo numa mensagem esclarecedora sobre a magia que todos sentem, naturalmente, à sua maneira, sobre o processo fotográfico. O exercício de interpretação sobre se isso é razão para alterarmos a nossa forma de ver os trabalhos e até os autores é mentalmente desafiante, quando mais não seja pelos conceitos pré-adquiridos que temos sempre e quando vemos uma fotografia. Este livro faz-nos pensar sobre a(s) forma(s) de encarar a fotografia (de paisagem) enquanto vemos trabalhos magníficos de locais fantásticos (longe e perto de casa), vendo e lendo sem que seja possível fecharmo-nos num só sentido ou numa única interpretação. E não será esse o verdadeiro lado artístico da fotografia?

O livro pode ser comprado na editora [GMC](#), na [Amazon espanhola](#), na [Fnac](#) ou na [Wook](#).

A editora publicou um pequeno [vídeo](#) promocional que contempla algumas fotografias dos autores com alguns comentários do editor.

Abaixo:

Capa da edição publicada em 2017 no Reino Unido. Capa dura, 176 páginas, 23,5 x 29,5 cm. ISBN-13: 978-1781453209



4:três

Três autores, quatro imagens, unidas por algo em comum. Esta secção é de todos os que lêem esta revista. Se deseja participar, envie as suas imagens, acompanhadas de um texto sobre as mesmas e o elemento que as une, para o email info@revistaperspetiva.pt.

Nesta edição:

1. José Proença
2. Júlio Marques
3. Nélia Mano



O formato de imagem 4:3 é utilizado pela maioria das câmeras digitais *point-and-shoot*, pelos sistemas *Four Thirds* e *Micro Four Thirds* (OM System e Panasonic, por exemplo) e em câmeras 645 de médio formato. O formato digital 4:3 foi desenvolvido para combinar com os monitores digitais dos finais do séc. XX e início do séc. XXI, monitores de computador baseados nas TVs da altura.

Chamado de "janela clássica", utilizado na televisão tradicional (SDTV) e na grande maioria dos ecrãs de computadores até por volta de 2010, tem como origem e grande utilizador todo o cinema feito até por volta de 1950.

Ainda hoje é usado em alguns raros filmes que buscam aquele cheirinho do antigamente, com o seu enquadramento "clássico". É ainda usado na gama de iPads da Apple.

Pedra da Anixa

Texto e fotografias por **José Proença**.

Uma vez que habito no distrito de Setúbal, o destino “habitual” das minhas saídas fotográficas é o Parque Natural da Arrábida (PNA). Por isso poderia estar aqui a escrever sobre as várias belezas naturais desse maravilhoso território. Não irei fazer isso. Neste artigo, apenas irei abordar um espaço muito particular deste parque natural: a Pedra da Anixa.

A Pedra da Anixa é um conhecido rochedo na praia do Portinho da Arrábida, formando uma pequena “ilhota”. Pela singularidade dessa formação rochosa, tornou-se num dos ex-libris do PNA.

O Portinho da Arrábida e, em particular, a vista (ou melhor “a visita” à) da Pedra da Anixa, é o destino de muitas das minhas explorações fotográficas, pois o resultado é sempre positivo. Por vezes, os caprichos do tempo brindam-me com um denso nevoeiro que ajuda a dramatizar e

enriquecer a cena. Quando isso não acontece, mesmo assim, consigo sempre fotografias que me satisfazem. Mas mesmo quando não consiga as imagens que pretendo, a caminhada pela praia (classificada como uma das 7 maravilhas naturais de Portugal) é sempre revigorante e um calmante para a vida agitada da semana.

A abordagem que aqui proponho de fotografar um local de várias perspetivas e com diferentes interpretações fotográficas (acompanhando as várias estações do ano e, portanto, com várias condições atmosféricas distintas), é algo que faço habitualmente em muitos “spots”, pois entendo que este processo é enriquecedor porque permite conhecer e compreender melhor esse espaço. Permite torná-lo “nosso”, íntimo.

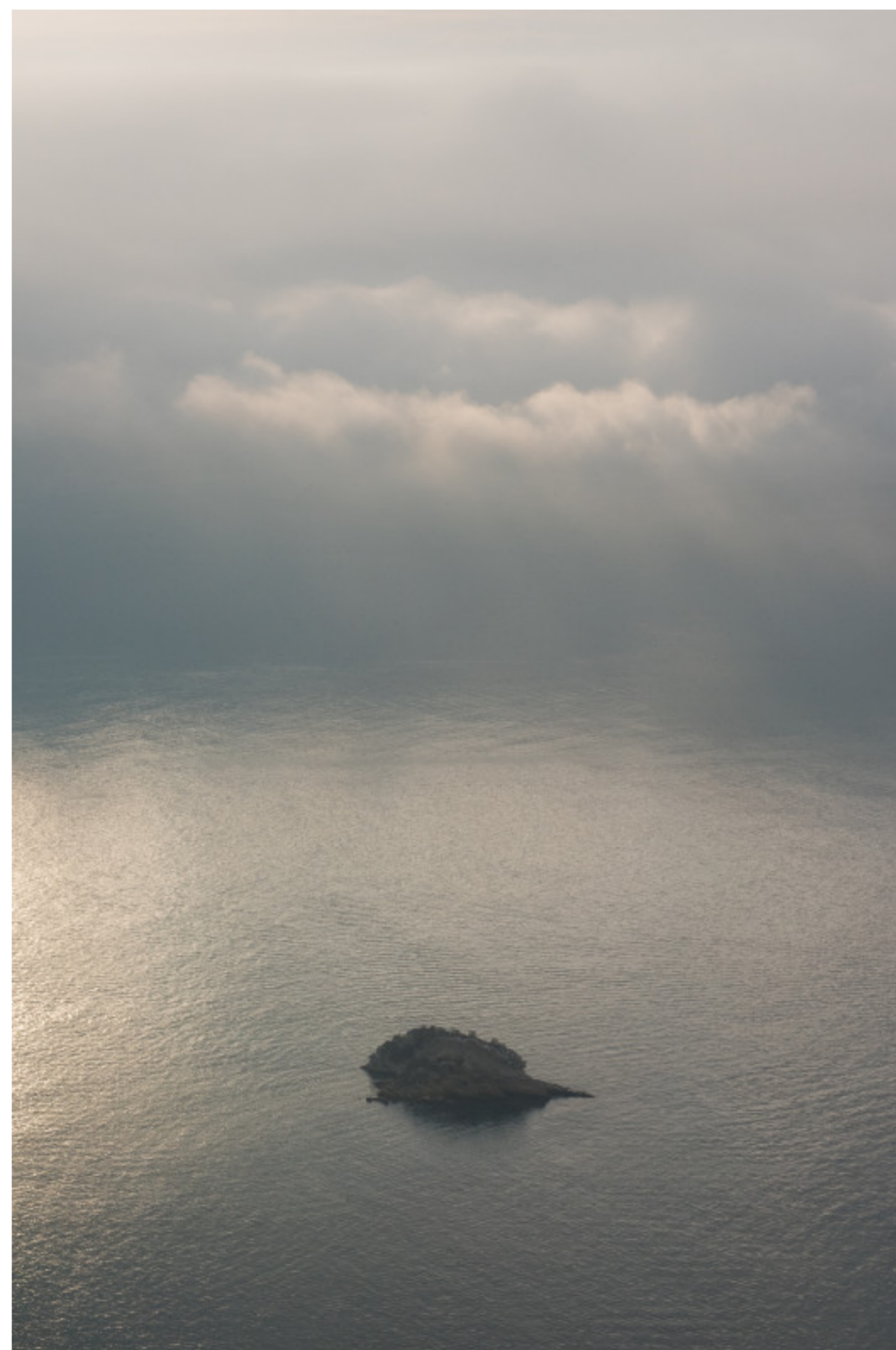
Existem vários palcos (privilegiados) para fotografar a Pedra da Anixa. Os acessos são muito fáceis. (Bem, se estivermos em época alta bal-



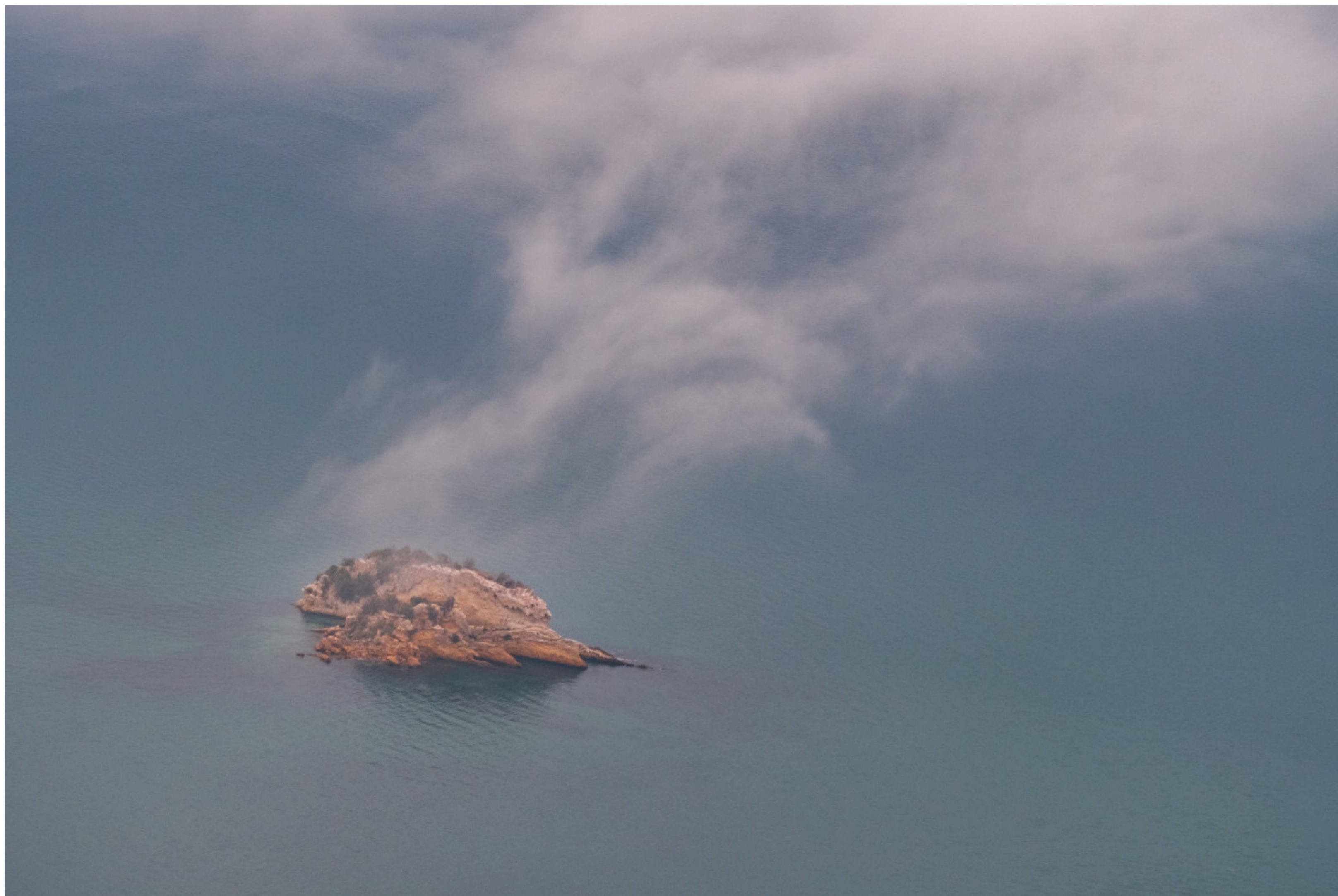
José Proença reside em Almada. Começou a fotografar há cerca de 30 anos, mas considera ter aprendido mais nos últimos dez, utilizando o sistema digital, do que nos vinte anteriores. Por questões de proximidade, o Parque Natural da Arrábida é o local onde será mais fácil encontrar o José. Mas gosta de fotografar onde quer que esteja e tenta adaptar-se às oportunidades, incluindo as familiares. O importante é fotografar amiúde. A fotografia é o seu escape depois de uma semana de trabalho. Estar sozinho em plena natureza, com o objectivo de fazer uma boa imagem, em constante evolução, é o que o move a sair de casa uma e outra vez. Fotografava com uma Nikon D750 e uma Fuji X-T5, esta última, claramente, por questões de portabilidade.

near, não será bem assim... Mas de resto, durante quase todos os meses do ano, o acesso à praia faz-se sem dificuldade). Portanto podemos fotografar a partir da praia, no mesmo plano em que estamos, ou do alto da serra, numa perspectiva “picada”. Obviamente há outras possibilidades. A perspectiva a partir do mar é muito interessante, pela possibilidade de fazer fotografias diferenciadoras.

Escolhi 4 fotografias que, creio, demonstram a beleza do local e que formam um todo coerente, onde encontro vários pontos comuns. Não serão tecnicamente muito sofisticadas. Mas, em qualquer caso, gosto muito deste conjunto que partilho.









Contos serranos

Texto e fotografias por **Júlio Marques**.

Instagram: **@o.geres**

Viver a Serra. Talvez seja um pensamento algo exacerbado para a mente de muitos que a visitam, mas não o é para mim. “Fios de Luz” foi a primeira narrativa fotográfica que me lançaram em tom de desafio e a qual relutantemente aceitei.

Sou um homem de fazer acontecer dentro do Parque Nacional, de dinâmicas e projetos sem a ribalta ou os holofotes que ofuscam normalmente caminhos. Vivo dentro desta senhora majestade que amo, a serra do Gerês, e o meu trabalho inicialmente partiu pela demonstração através do registo a milhares de portugueses que desconheciam o Parque em 2014 usando as bases da minha formação em marketing.

O meu conto serrano trouxe-me a Fafião, aldeia onde resido e exerço funções de desenvolvimento da aldeia, e de melhorias para o seu povo. Mas a fotografia acompanha todo este projeto e toda uma paixão que nasceria em família.



Júlio Marques “regista” há mais de 10 anos, mas fotografa apenas há 5, altura em que percebeu a diferença entre estes dois conceitos. Tem a felicidade de viver em plena Serra do Gerês e uma paixão intensa pela fotografia da vida selvagem e das paisagens do Parque. Gosta das diferentes estações, mas considera que é o inverno que define a montanha, tal como a praia define o verão. É no aconchego do cheiro da lenha queimada e do frio que se inspira para fotografar. Usa uma Olympus que adquiriu ao seu mentor fotográfico, que satisfaz em pleno a visão que tem pela fotografia, criando uma simbiose entre o fotógrafo e o público que muitas das vezes não tem como viajar a não ser através das nossas objetivas. É a imaginar o que do outro lado se observa que lhe chegam os sorrisos o mundo da fotografia.



Os dias de tempestade que procuro no parque trouxeram uma manhã iluminada sobre Porta Roibas, uma das paredes mais imponentes do Gerês.



Dois juvenis do Ibex Ibérico treinam a mais de mil e trezentos metros num final de tarde.



Sincelo em Pitões das Júnias, um evento magnífico numa gélida manhã de inverno.



Na minha paixão pelos répteis, a “Floresta Encantada” da Mata da Albergaria ofereceu-me este tritão-de-ventre-laranja, num mágico final de Outono.

Reino dos fungos

Texto e fotografias por **Nélia Mano**.

Instagram: **@nelia_mano**

O Reino Mágico dos Fungos passa facilmente despercebido aos olhos de muitos. Contudo, quem os souber procurar e contemplar é apresentado com uma miríade de formas, tamanhos, cores e texturas, capaz de estimular a imaginação humana como poucas outras coisas.

Os fungos são criaturas fascinantes, não apenas pela complexidade visual que encerram como também pela sua resiliência, versatilidade e capacidade evolutiva. Estes organismos, donos de um mundo de mistério, desempenham um papel fundamental na degradação de matéria orgânica e na reciclagem de nutrientes, são heróis “invisíveis” no delicado balanço dos ecossistemas.

Presentes à vista desarmada ou a crescer nos lugares mais inóspitos e improváveis, prosperam em situações impensáveis e encontram o seu caminho, vencendo os obstáculos que encontrem.

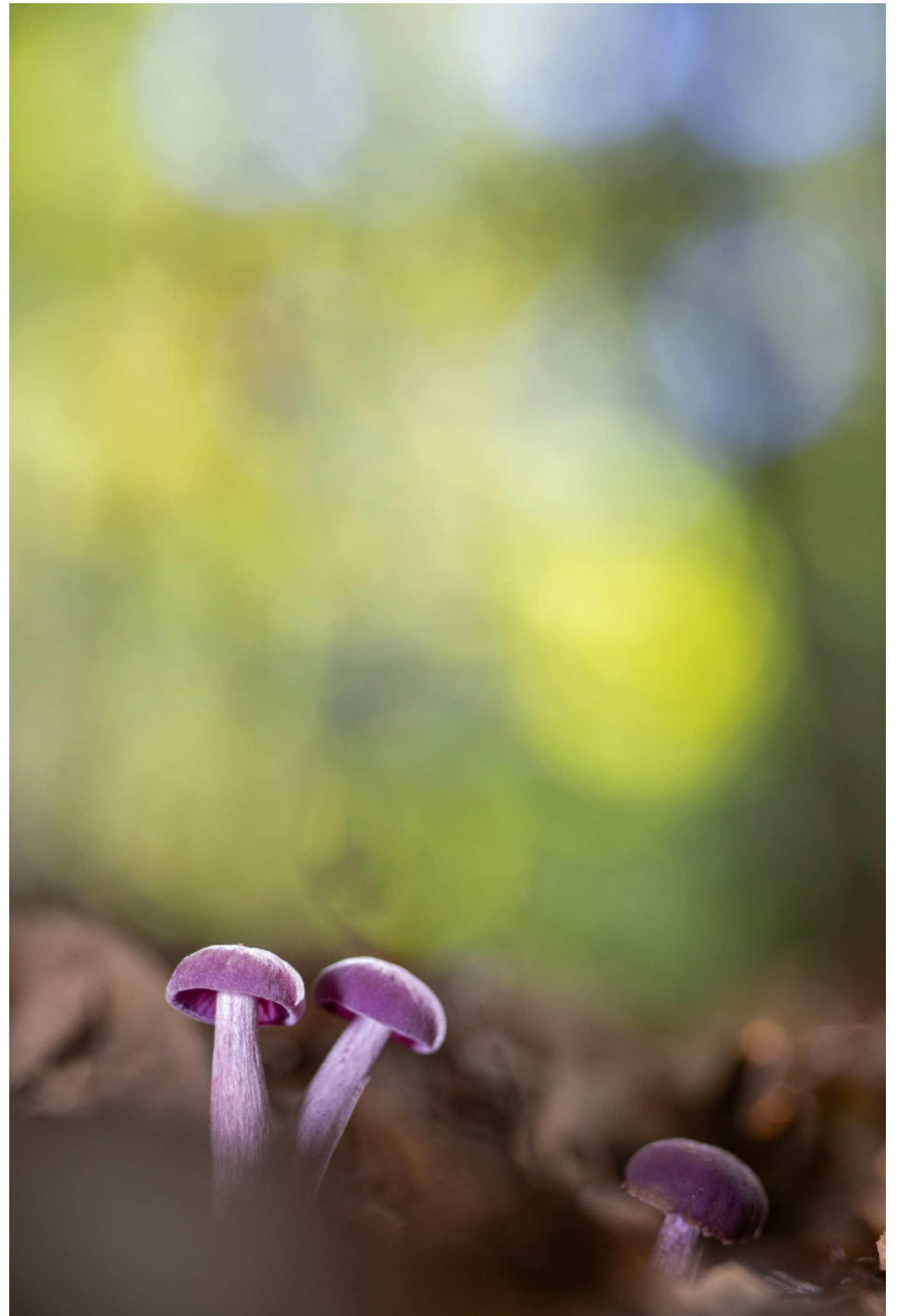
Para mim, os fungos são um reino verdadeiramente apaixonante e os cogumelos são um dos meus assuntos fotográficos de eleição. Prendem-me facilmente durante horas ao mesmo sítio, a explorar ângulos, composições e técnicas de forma a capturar a sua essência ou apenas a olhar para eles e escrutinar aquele aspecto alienígena, a pensar sobre a sua biologia ou apenas a deixar a imaginação correr.



Nélia Mano vive em Cantanhede e fotografa desde 2016, ainda que não com a frequência que desejaria. Adora fotografar natureza, independente do sujeito que se depara perante si. Da paisagem ao mais pequeno dos insetos, tudo a inspira a fotografar de forma criativa. Atualmente usa uma Canon 5D mark III e adora macrofotografia, género que costuma praticar nos seus locais de eleição que passam pelas Serras do Gerês e da Estrela. Olha para a fotografia como uma das melhores formas de exercer a sua liberdade e um ritual de conexão com a natureza. Foi galardoada com o primeiro prémio no concurso IRIS 2023 na categoria PNPG.



As lanternas mágicas do bosque.



Criaturas emergentes.



Invasão. Um cogumelo colonizado por outro fungo.



Super Cogumelo.

Agenda.

.WORKSHOPS

Apaixonado pela fotografia de natureza há dezenas de anos, o **Luís Afonso** propõe-lhe uma viagem pela intimidade das flores e por uma forma diferente de as fotografar. Finalmente, uma oficina de fotografia macro onde vai poder descobrir, não só as melhores técnicas para retratar flores no seu meio ambiente, mas também aprender a vê-las de uma forma diferente, mais artística e menos literal. Vai ainda ter a oportunidade de conhecer e descobrir várias espécies de orquídeas silvestres. O evento terá lugar a 16 e 17 de março na zona de Lisboa. Mais informação nesta [ligação](#).

O **Mário Cunha** propõe um *workshop* para fotografar as cegonhas brancas que nidificam nas escarpas rochosas do Sudoeste Alentejano. Será um evento em colaboração com o fotógrafo Jacinto Policarpo e terá lugar de 19 a 21 de abril. Inscrições para ambos os eventos no seu [site](#).

O **Nuno Luís** propõe igualmente uma viagem a sul, para descobrir a paisagem agreste e inhóspita da Costa Vicentina. Falésias abruptas que se precipitam sobre um mar bravio são o cartão de visita deste passeio fotográfico que se realizará nos dias 22 a 24 de março entre Aljezur e a Ponta de Sagres. Mais informação e inscrições no [site](#) da Primeira Luz.

O **Tiago Mateus** apresenta a segunda edição da sua oficina pensada para proporcionar a melhor experiência possível para quem, como ele, adora fotografar natureza a preto e branco ou simplesmente gostaria de experimentar. Esta *masterclass* está marcada para o dia 21 de abril e inclui uma saída de campo no Parque Natural Sintra-Cascais e aula teórica/prática em sala. Inscrições e mais informação nesta [ligação](#).

.EXPOSIÇÕES

No **Barreiro** continua patente a exposição de fotografia que celebra o centenário do nascimento de Augusto Cabrita, uma das figuras mais marcantes do Barreiro e da história da Fotografia, da Televisão e do Cinema em Portugal. A exposição “100 Anos de Augusto Cabrita: Um Olhar Inédito” estará patente ao público até 16 de março de 2024 no horário de funcionamento do Auditório Municipal Augusto Cabrita (terça a domingo, das 14h00 às 20h00).

Os Autores.



Ângelo Jesus

Gosta de subir as serras, mas é nos vales, junto dos rios, e no meio das árvores que encontra maior inspiração. Prefere explorar perto de casa, considerando a fotografia a expressão de uma experiência na natureza, assim como um ato de ligação e revelação.

angelojesusphoto.com



Luís Afonso

Gosta de fotografar perto de casa, em locais com os quais pode desenvolver uma relação de longa data, pois acredita que a fotografia de natureza pode e deve representar algo mais do que apenas “isto foi o que eu vi”.

luisafonso.com



Mário Cunha

Vê a natureza como um livro aberto e em constante mutação onde a luminosidade, contraste, geometria, cor e texturas mudam a todo o instante. O maior prazer está em encontrar potencial na paisagem para criar imagens que sejam um reflexo da sua essência.

mariocunhaphotography.com



Miguel Serra

A natureza é a sua maior inspiração, a Estrela a grande paixão. Dono de um olhar inicialmente mais desperto para a paisagem aberta, que ao longo dos anos foi moldado para uma vertente mais intimista dos lugares que conhece e quer respeitar.

miguelserra.net



Nuno Luís

Apassionado por arte, é através da fotografia que exterioriza aquilo que considera ser um retrato do seu “eu”. Na natureza, encontra o mote que dá alma e expressão a essa paixão sob a forma de narrativas visuais.

nunoluis.net



Ricardo Salvo

Fotografa ao sabor do que as emoções lhe ditam a cada momento, o que dificulta a escolha de um estilo. A Natureza mais crua consubstancia grande parte da matéria fotografável que encontra. Adora debater e pensar Fotografia enquanto arte, função e ciência.

ricardosalvo.com



Rúben Neves

Tem pela fotografia uma atração contemplativa, de emancipação e de liberdade, refletindo avidamente sobre a sua essência. É uma atividade que encara como uma fonte de retorno inigualável que consegue, maioritariamente, através da comunhão com o mundo natural.

[instagram.com/rubeneves](https://www.instagram.com/rubeneves)



Tiago Mateus

Em busca pelo belo e estranho, pelo invulgar e delicado, Tiago perde-se nas caminhadas pelas paisagens que o fascinam. Contudo, a sua arte não consegue escapar à sua própria natureza, retratando muitas vezes a singularidade das emoções e sensações humanas.

tiagomateusphotography.com

PERSPETIVA

Fotografia. Arte. Natureza.